

NÓS DA ESCOLA

RIO

PREFEITURA EDUCAÇÃO

MULTIRIO



Narrativa e narratividade

ISSN 1676-5141



9 771676 514009 00045



Prefeitura do Rio

Este investimento vale ouro para a Cidade.

Cesar Maia

Prefeito

Sonia Mograbi

Secretária Municipal de Educação

Regina de Assis

Presidente da MULTIRIO

Marcos Ozorio

Diretor de Mídia e Educação

Maria Inês Delorme

Diretora do Núcleo de Publicações e Impressos e jornalista responsável (MTb. RJ22.642JP)

Marcelo Salerno

Diretor do Núcleo de Tecnologia da Informação

Katia Chalita

Diretora do Núcleo de Televisão, Rádio e Cinema

Élida Vaz

Assessora de Comunicação e Ouvidora

CONSELHO EDITORIAL

Élida Vaz (Assessora de Comunicação/MULTIRIO) • **Leny Datrino** (Diretora do Departamento Geral de Educação/SME) • **Marcos Ozorio** (Diretor da Diretoria de Mídia e Educação/MULTIRIO) • **Maria Inês Delorme** (Diretora do Núcleo de Publicações e Impressos/MULTIRIO) • **Martha Neiva Moreira** (Editora/NPI-MULTIRIO) • **Rita Ribes** (Professora do Departamento de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro) • **Silvy Rosalem** (Assessora Especial do Gabinete da Secretária /SME)

CONSELHO DE COLABORADORES

Cláudia Reis (4ª CRE) • **Cristina Campos** (Núcleo de Publicações e Impressos/MULTIRIO) • **Cristina Salvadora Ferreira** (5ª CRE) • **Guilherme F. De A. Degou** (9ª CRE) • **Irinéia Simone Cortes Tourinho** (Assessoria de Integração/MULTIRIO) • **Joelma de Souza Vieira** (8ª CRE) • **Letícia Carvalho Monteiro** (6ª CRE) • **Marcia Elizabeth N. M. Vicent** (7ª CRE) • **Maria Alice Oliveira da Silva** (DGED/SME) • **Maria Teresa L. M. Coelho** (Diretoria de Mídia e Educação/MULTIRIO) • **Marize Peixoto** (1ª CRE) • **Norma Suely** (10ª CRE) • **Rosilene Adriano Mattos** (2ª CRE) • **Solange Maria Campos** (3ª CRE) • **Sueli Batista** (10ª CRE)

EQUIPE DE PRODUÇÃO

GERÊNCIA PEDAGÓGICA: **Cristina Campos e Joanna Miranda**

GERÊNCIA DE JORNALISMO: **Martha Neiva Moreira** (editora) • **Renata Petrocelli** (subeditora) • **Fábio Aranha, Carolina Bessa e Bete Nogueira** (reportagem) • **César Garcia** (copidesque e revisão)

GERÊNCIA DE ARTES GRÁFICAS: **Flavio Carvalho** (gerência) • **Cláudio Gil** (coordenação), **Adriana Simeone, Aline Carneiro, David Macedo e Gustavo Cadar** (designers) • **Vivian Ribeiro** (produção gráfica)

Alberto Jacob Filho (fotografia)

Impressão: Cidade América Artes Gráfica

Tiragem: 36.500 exemplares

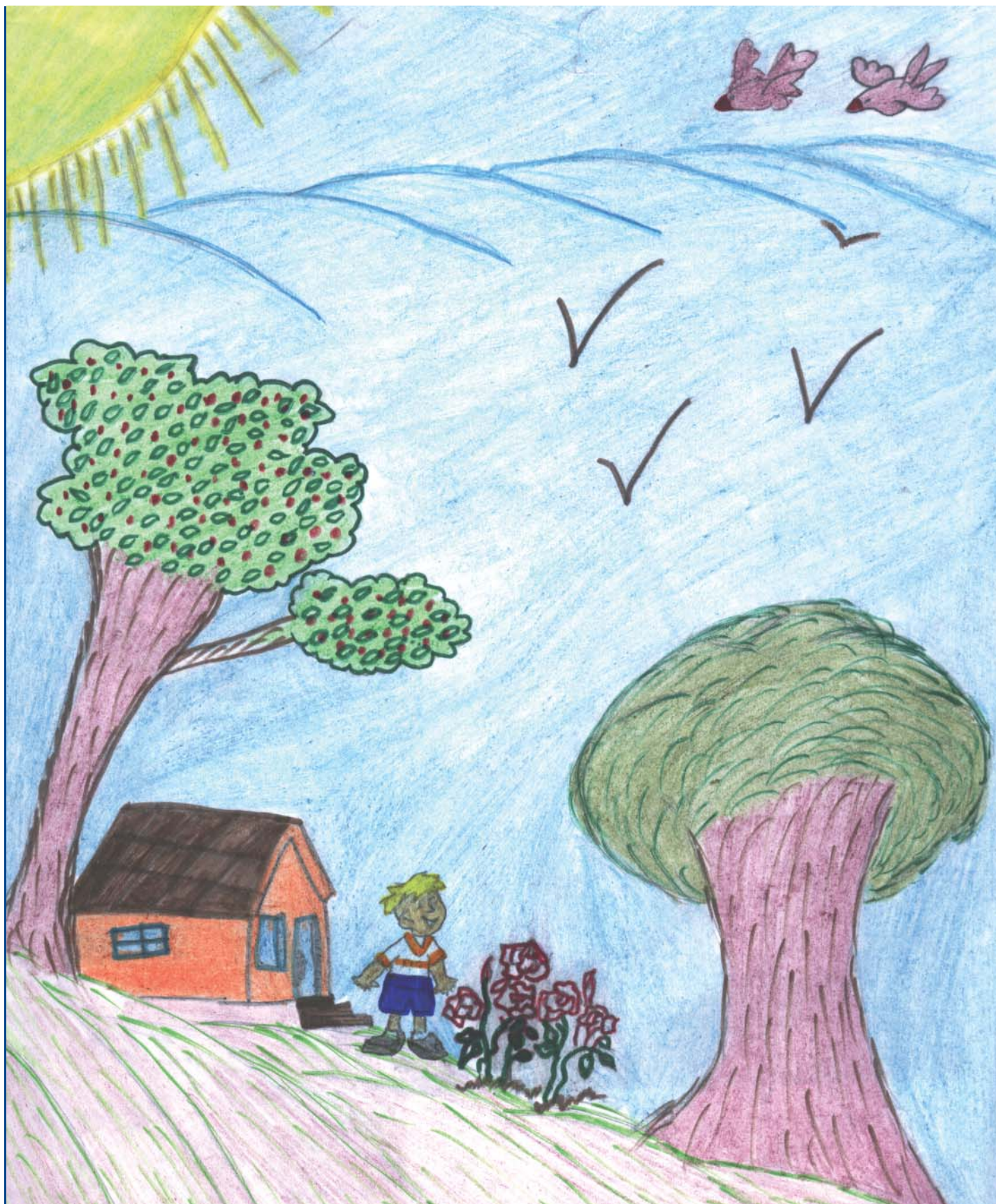


EMPRESA MUNICIPAL DE MULTIMEIOS LTDA.

Largo dos Leões, 15 - 9º andar - Humaitá - Rio de Janeiro - RJ - CEP 22260-210

www.multirio.rj.gov.br ouvidoriamultirio@pcrj.rj.gov.br

Central de atendimento: (21) 2528-8282 - Fax: (21) 2537-1212



Capa:

Foto de Alberto Jacob Filho

Montagem e tratamento de imagem de David Macedo

Desenho da aluna Lillian Corrêa Pinto

10 anos - 4ª série

E. M. Alagoas (Pilares, 3ª CRE)

4 editorial

5 cartas

6 ponto e contraponto

Pelo direito à comunicação

11 pan 2007

Nova democracia nas Américas

15 contos americanos

Um apólogo

16 carioca

Turismo ao sabor das ondas

18 século XX1

Conheça o novo Século XX1

19 parceria

Fascínio pela informática

21 rede fala

Por uma práxis educativa

22 olho mágico

Atenção, cuidado e muito afeto

23 professor on line

Temporada de recompensas

24 caleidoscópio

Escola como espaço de formação

26 capa

Entre fios, tramas e textos

33 artigo

Alguns conceitos sobre o ato de narrar

34 atualidade

Cotas: solução ou paliativo?

38 presente do futuro

Menina em corpo de mulher

41 pé na estrada

A cidade vista pela janela

Receita que reúne pais e filhos

45 foi assim

A época de ouro do turfe carioca

47 perfil

Uma vida marcada pela emoção

49 tudoteca

50 MULTIRIO na TV

editorial

Arte de tecer histórias

Ao longo deste ano NÓS DA ESCOLA tratará das narrativas, um tema fundamental para professores, alunos e cidadãos.

A arte de narrar relaciona-se intimamente à faculdade humana de trocar experiências. E essas vivências, que passam de pessoa a pessoa, constituem o manancial a que recorrem todos os narradores. Neste primeiro número, destacamos a importância do ato de narrar e os diversos tipos de narrativa hoje em circulação.

E também outros assuntos não menos importantes, como a polêmica em torno das cotas raciais nas universidades públicas, na seção *Atualidade*. NÓS DA ESCOLA ouviu especialistas no assunto e foi às ruas perguntar o que as pessoas pensam sobre a reserva de vagas nessas universidades para alunos negros e egressos do ensino público.

Na seção *Ponto e contraponto*, o jornalista Gustavo Gindre fala, em entrevista, do direito à democratização da comunicação no país.

No ano de realização dos Jogos Pan-americanos, no Rio de Janeiro, a seção *Pan* mostra as Américas sob uma perspectiva histórica, em que sobressai a eterna desigualdade entre as nações do Norte e do Sul do continente batizado por Américo Vespúcio.

Como este ano concretizamos a ampliação do Ciclo de Formação em todas as escolas da Rede, estamos iniciando neste número a publicação de artigos de diferentes profissionais da educação sobre o tema, abordando os aspectos relacionados à sua implantação.

Você conhecerá também, na seção *Pé na estrada*, a experiência de dois professores da Escola Municipal Juan Montalvo que realizaram uma aula-passeio com seus alunos sob o tema O Cidadão e a Paisagem da Cidade. Também, a partir deste número, você poderá acompanhar a avaliação e o que poderia ser melhorado em cada atividade, além de dicas pedagógicas para professores que quiserem desenvolver projetos semelhantes.

Boa leitura e feliz 2007.

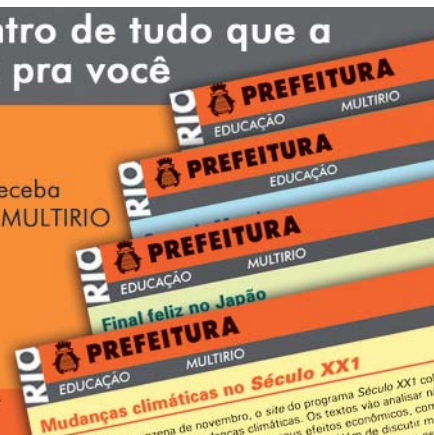


Sônia Mograbi
Secretária municipal
de Educação

Fique por dentro de tudo que a
MULTIRIO faz pra você

Cadastre seu e-mail e receba
semanalmente Notícias MULTIRIO

Acesse www.multirio.rj.gov.br
ou ligue para 2528-8282



Margaret Mee

Gostaria de parabenizar toda a equipe responsável pela edição da seção *Perfil*, que relata a trajetória da ilustradora de espécies botânicas Margaret Mee. Ressalto e lamento, no entanto, o fato de ter faltado na edição uma citação ao Ciep Margaret Mee [Recreio dos Bandeirantes, 7ª CRE], que tem mais de 1.000 alunos. Todos os anos, em maio, por ocasião do aniversário de Margaret, trabalhamos intensamente para que os estudantes conheçam cada vez mais sua obra. Ressalto ainda que nosso ciep fica em um lugar privilegiado, cercado de inúmeras espécies de bromélias e orquídeas: um lugar ecologicamente perfeito. Margaret Mee tem uma importância muito grande para a nossa comunidade escolar e local.

Márcia Arruda Bastos, coordenadora pedagógica do Ciep Margaret Mee

- NÓS DA ESCOLA agradece os comentários e a pertinente lembrança e aproveita a oportunidade para saudar a professora Márcia, que ficou entre os 100 finalistas de um concurso de redação promovido pela Academia Brasileira de Letras (ABL). Márcia, que foi aluna da E. M. Coronel Assunção (Olaria, 4ª CRE), escreveu sobre A importância do Livro no Século XXI e concorreu com mais de 18 mil participantes. A redação pode ser lida no portal MULTIRIO (www.multirio.rj.gov.br). Basta clicar no [link](#) NÓS DA ESCOLA e, depois, revista 45.

Alunos autores

Parabenizo todos vocês pela qualidade dos artigos apresentados

HOMENAGEM



“A equipe da E. M. Nair da Fonseca [Sepetiba, 10ª CRE] gostaria de homenagear a colaboradora Maria Goreti Silva dos Santos, que pintou voluntariamente o muro da escola. Os filhos de Maria Goreti estudaram na Nair da Fonseca e desde então ela acompanha de perto o dia-a-dia da escola como membro do CEC [Conselho Escola-Comunidade], atualmente como representante da associação de moradores”

e aproveito para também me congratular com as professoras Neusa Amaro, Myrian Munhoz e Maria Lúcia Esteves de Jesus Novo pelos trabalhos realizados com os alunos no projeto Abraça um Autor. Em dezembro, foram lançados livros escritos e ilustrados pelos alunos das turmas 302 e 402 da E. M. Rotary [Freguesia, Jacarepaguá, 4ª CRE], além de um livro de poesias da professora Maria Lúcia, ilustrado pelos alunos portadores de necessidades especiais.

Daisy Assumpção de Lima

- NÓS DA ESCOLA agradece o elogio e também se congratula com os professores e alunos da E. M. Rotary pelo lançamento dos livros.

Feira pedagógica

NÓS DA ESCOLA parabeniza a Classe em Cooperação Frei Orlando (Vila Militar, 8ª CRE) pela realização da V Feira Pedagógica, com a apresentação de trabalhos

desenvolvidos a partir do projeto político-pedagógico Sal da Terra – Depende de Nós Sermos a Diferença.

Literatura infantil

Mãe do aluno Luís Filipe Rodrigues de Oliveira, da E. M. Von Martius (Campo Grande, 9ª CRE), Nelma Rodrigues publicou o livro *O macaco que queria ser rei*. A história reúne alguns dos personagens comuns no “reino” da literatura infantil, tais como um leão, uma fada e um menino. É o macaco do título quem vira a história de cabeça para baixo, tentando estabelecer uma verdadeira democracia na floresta.

Correção

Diferentemente do que foi publicado na matéria “Por quem os sinos dobram”, página 15 da edição nº 44, o Convento (e não Mosteiro) de Santo Antônio abrigou o Arquivo Nacional entre 1854/55 e 1872. E o 7º Batalhão de Infantaria funcionou lá de 1885 a 1901.

ESCREVA PARA O NÚCLEO DE PUBLICAÇÕES E IMPRESSOS DA MULTIRIO

Largo dos Leões, 15 - 9º andar, sala 908 - Humaitá - CEP 22260 210 - Rio de Janeiro - ou mande e-mail para multirio_dpub@rio.rj.gov.br

Para colaborar com a seção Rede Fala envie-nos seu artigo. O texto deve ser digitado em fonte Arial, corpo 12, e ter, no máximo, 6 mil caracteres. Todos os artigos serão submetidos a avaliação e publicados de acordo com a programação da revista. A MULTIRIO não se responsabiliza pelos conceitos emitidos nos artigos e se reserva o direito de, sem alterar o conteúdo, resumir e adaptar os textos.

Visite nosso site: www.multirio.rj.gov.br

Pelo direito à comunicação

O jornalista Gustavo Gindre começou a se interessar por comunicação quando ainda era um jovem estudante na Universidade Federal Fluminense (UFF). Lá, ele participou pela primeira vez de debates em torno da democratização da disciplina e desenvolveu as primeiras reflexões sobre uma idéia que defende com muita veemência e leva para os seminários e congressos de que participa no Brasil e no exterior: a da comunicação como um direito humano inalienável. Um dos criadores do Indecs (Instituto de Estudos e Projetos em Comunicação e Cultura) e do Intervozes – Coletivo Brasil de Comunicação Social, ambas associações civis que atuam no setor, ele costuma dizer que sem a circulação da informação muitas das demandas sociais jamais serão atendidas, até porque não serão conhecidas. “Neste sentido é que entendo a comunicação como um direito humano fundamental para a garantia de outros direitos”, observa. É a partir desta perspectiva que ele analisa, nesta entrevista, as questões que hoje estão em pauta na área de comunicação no Brasil.

Como nasceu o Indecs?

Comecei este debate ainda como estudante, no movimento estudantil na UFF, uma universidade com muita tradição de militância na área da comunicação. Nos anos 1990, junto com um grupo de outros jovens interessados pelo tema, criei uma ONG, o Indecs, que é uma pequena instituição, mas muito atuante. Desenvolvemos projetos importantes na área, como a criação da primeira rádio comunitária do país em um hospital psiquiátrico – o Pedro II, atual Nise da Silveira. Oferecemos também cursos de capacitação para grupos originários de movimentos populares. Hoje temos uma única ação: um boletim informativo que acompanha o movimento do mercado do Rio de Janeiro na área da comunicação.

E o Intervozes, como foi criado?

No começo de 2000 um grupo de militantes do Indecs e de outros estados do país sentiu a necessidade de realizar um trabalho conjunto. Três anos depois surgiu o Intervozes. Somos atualmente 60 associados espalhados por todo o país. Temos uma sede em São Paulo e um escritório em Brasília. A maior parte das pessoas

que trabalham no Intervozes são voluntários. Muitos dos sócios atuam nos próprios locais de trabalho. Temos, por exemplo, uma associada que é da Fundação Getúlio Vargas e lida com o Creative Commons¹, que é uma área que tem a ver com a nossa luta. Outros associados trabalham com política de comunicação, capacitação em movimentos populares. Entre as ações do Intervozes, há um programa de uma hora no *site All TV*² e um livro que lançamos recentemente, com 300 páginas, o *Vozes da democracia*, contando a história da imprensa alternativa do Amazonas a Porto Alegre.

¹Criado em 2001, o Creative Commons é uma iniciativa que permite aos detentores de direitos autorais oferecer alguns de seus direitos ao público e manter outros protegidos através de um sistema de licenças e contratos. Isso pode incluir licenças de domínio público ou de conteúdo aberto. Assim, os criadores encontram uma forma de proteger suas obras e encorajam alguns de seus usos.

²O programa chama-se *Vozes na TV* e debate temas ligados ao direito à comunicação e a democratização da mídia no Brasil. O programa é semanal e tem uma hora de duração. É exibido sempre ao vivo, às quintas-feiras, das 16h às 17h. O *site* da All TV é www.alltv.com.br.

TEXTO

MARTHA NEIVA MOREIRA

FOTOS

ALBERTO JACOB FILHO



O que é comunicação para vocês?

Comunicação e cultura constituem um binômio que é parte do direito humano de produzir e trocar informações com outros seres humanos. Nas sociedades complexas, capitalistas, esses direitos já não são mais apenas interpessoais. Para se comunicar, hoje, podemos usar os diversos meios de que dispomos (rádio, celular, TV, internet etc.). Todos esses suportes estão a serviço do exercício do que entendemos como um direito humano, o da comunicação, que é inalienável. Acho que se você perde este direito perde a própria humanidade. A comunicação é um direito central da constituição do ser humano. E é a partir deste entendimento que temos dialogado com outros movimentos sociais. Defendemos que a comunicação é um direito humano fundamental para garantir que outros direitos sociais sejam atendidos. Sem

circulação de informação os setores não falam de suas demandas.

E vocês têm sido entendidos dessa forma?

Menos do que a gente gostaria e mais do que há algum tempo. A questão da TV digital mostra isso. Saiu das fronteiras da área de comunicação muito menos do que gostaríamos, mas muito mais do que se poderia imaginar. Participamos de vários fóruns. Mas ainda temos que batalhar muito para que a comunicação seja entendida como um direito humano, tanto quanto a educação ou a saúde.

E em relação ao direito à comunicação, o que está em debate no Brasil?

Temos todas as agendas ou várias prioridades ao mesmo tempo. Precisamos ainda dar conta da agenda dos meios tradicionais (rádio ►

e TV). Precisamos, de fato, democratizar estes veículos. A lei que rege o setor de TV e rádio é de 1962. Mesmo que ela não tivesse problema algum, já estaria caduca pelo tempo. É uma lei conservadora na origem, como a lei de imprensa, que é da época da ditadura. E reflete o autoritarismo: ela não garante, por exemplo o funcionamento de rádios comunitárias. O tipo de rádio comunitária que se permite aqui por lei não consegue funcionar. Não pode ter publicidade e só pode ter alcance de 1 quilômetro. É preciso rever esta agenda. Outra questão: a lei permite que haja no Brasil um sistema de comunicação privado, estatal e público. Sabemos bem o que é privado, entendemos o que é estatal (que pertence ao Estado), mas aí fica a dúvida: o que vem a ser este *público*? Não previmos também os princípios para a regionalização da produção de conteúdo. O Brasil é um país continental, cuja produção para rádio e TV é toda feita no Rio e em São Paulo para depois ser exportada para outros estados. Essa prática é danosa para as culturas locais, para os mercados de trabalho locais de artistas, músicos etc. Também não temos um índice de produção independente. Portanto, tudo o que foi agenda no século XX para a área de radiodifusão – até mesmo nos países capitalistas, como limites de propriedade

cruzada (o sujeito não pode ter um jornal, uma revista, um portal, uma rádio etc.) e essas questões relativas à produção de conteúdo – não conseguimos debater por aqui e já temos que dar conta da nova agenda da área que envolve questões como TV digital, internet etc.

Como dar conta de demandas tão diferentes?

O caminho é o da defesa da comunicação como um direito humano, é reforçar essa idéia junto aos movimentos sociais, fazer com que este debate não seja apenas uma agenda corporativa dos profissionais da área, mas de toda a sociedade. Ao mesmo tempo, temos que desenvolver estratégias com um pé no presente para resolver as pendências da agenda antiga e ter um pé no futuro para antecipar as questões que vêm por aí. Qual a força política que teremos para dar conta disso, não sei. Do ponto de vista teórico das estratégias e das táticas de levar este tema à discussão, acho que temos mais ou menos claros os caminhos. O problema é a execução: o governo já demonstrou pouca vontade de lidar com o tema, eles não mexem nas concessões de canais de TV e rádios, não querem abertura de mercado para as produções regionais. No que diz respeito à comunicação, o governo vive um dilema.

Qual?

O governo não lida apenas com a insatisfação da sociedade civil. Todos os setores estão insatisfeitos. As empresas de telefonia celular, as teles, estão entrando no mercado com produção de conteúdo também, o que incomoda quem hoje monopoliza este setor no país. As teles, diante da legislação que regula o setor, que é de 1962, também estão incomodadas porque não têm possibilidade de fazer nada. Ninguém está satisfeito. No entanto, as soluções propostas são absolutamente diferentes.

No atual cenário de convergência de mídias...

As teles e as radiodifusoras se trombam no meio do caminho. Até porque a perspectiva é que pelo mesmo cabo passe internet, TV e telefonia. As empresas de TV a cabo e as teles estão brigando pelo mercado de conteúdo. Costumo dizer que



nesta briga, no final, vai sobrar somente uma empresa, que oferecerá todos os serviços. A questão é quem fica e quem sai, o que envolve alguns bilhões de dólares e muito poder.

Do ponto de vista do conteúdo, qual é a questão mais problemática?

A regulação, a fiscalização. A lei de radiodifusão, aquela de 1962, diz que a comunicação social é restrita a brasileiro nato ou a empresas brasileiras que tenham 30% de capital estrangeiro. Empresas estrangeiras com alguns mecanismos econômicos conseguem ter o controle de empresas nacionais, mesmo tendo apenas 30% do capital. Isso quer dizer que se já é difícil regular o conteúdo das nossas atuais emissoras de TV, imagine o de empresas estrangeiras... Concordo com as radiodifusoras [as emissoras de televisão] quando criticam a entrada das teles no mercado de conteúdo: ficaria difícil controlá-las já que não são brasileiras. Mas discordo totalmente delas [as radiodifusoras] quando dizem que preservar a cultura nacional é preservá-las. As radiodifusoras dizem assim: "nós somos iguais à cultura nacional: se formos ameaçadas, a cultural nacional estará ameaçada também". Não acredito nisso de jeito nenhum. Essas empresas não expressam a cultura nacional.

Defender a presença da cultura nacional em comunicação quer dizer o quê?

Diversidade de conteúdo. É preciso democratizar, regionalizar a produção independente, democratizar o espectro de concessões de TV e rádio. A Unesco [Organização das Nações Unidas para a Ciência, a Cultura e a Educação] aprovou uma convenção que diz que os países têm obrigação de estimular a diversidade, criar políticas que não sejam apenas protetoras da cultura, mas estimuladoras da cultura local (do país). O Brasil, por exemplo, precisa ter políticas que estimulem a produção de conteúdo, financiamento público, como há na Europa. Podem ser fundos públicos que financiem, por exemplo, por formatos: o diretor que nunca fez filme vai concorrer por determinado recurso para quem nunca fez filme; vai ter fundo para curta, para longa, para animação, para diversidade estética, para conteúdo comunitário...

No Brasil, já se produz muito conteúdo. Ainda existem inúmeras limitações à produção que precisam ser vencidas, mas há muita produção. Grande parte dela vem de renúncia fiscal, o que é ruim: é a iniciativa privada pegando dinheiro público e determinando como esse dinheiro vai ser usado. Quem manda são os departamentos de marketing das grandes empresas, que procuram o que vai dar visibilidade a elas. Se forem criados fundos públicos (o que é bem diferente de apadrinhamento), geridos publicamente, com conselhos formados por pessoas da sociedade, com critérios definidos, conseguiremos diversificar a produção. Ainda temos essa questão do financiamento para a produção, mas ainda assim temos um conteúdo *legal* sendo feito. O problema é distribuir esse conteúdo.

E o que é preciso fazer para que isso aconteça?

São várias questões a serem vencidas. No caso do cinema, você precisa ter políticas que tirem das mãos das mídias norte-americanas a distribuição. O grande poder das mídias é a distribuição. Precisamos aumentar o número de salas de exibição por aqui. Só 10% dos municípios brasileiros têm cinema. O cinema está nas mãos de grandes grupos econômicos. Deveríamos ter linhas de financiamento para pequenos grupos. Hoje, com o equipamento digital, é muito mais fácil montar uma sala de exibição. Poderia ter microcrédito para pequenos investidores. A barreira da distribuição é basicamente a da outorga (concessão). Temos um grupo que detém a concessão de canais de TV, por exemplo, e que produz e veicula o conteúdo que mais lhe interessa, mas não temos regras que obriguem esse grupo de concessionários a transmitir produção regional, produção independente.

O sistema de concessões é público e é tratado como questão privada...

Concessão aqui é tratada como um bem que passa de pai para filho, mas não é, deve ter prestação de contas, ser regulado. A sociedade civil não tem noção disso. Ninguém sabe que este ano uma série de concessões da TV Globo vai expirar e que o sistema de outorga pode ser debatido ►

por toda a sociedade. Como a mídia não discute a mídia, as pessoas não são informadas nem para serem a favor ou serem contra. Levar o debate sobre comunicação para a mídia é o nosso primeiro desafio. O nosso segundo desafio é pautar a esquerda. Muitos parlamentares fogem deste tema porque sabem que brigar com a imprensa ou falar mal dela significa sumir do noticiário. E eles querem ser reeleitos. Outra questão é conseguir ampliar a pauta para além dos atores naturais que batalham pela questão da democratização da comunicação. Mas só vamos conseguir avançar se a sociedade civil acreditar que comunicação é um tema tão importante quanto outros direitos do cidadão.

Em relação à produção de conteúdo, como se situam as TVs públicas?

Acho que experiências como a MULTIRIO são fundamentais para criar o fato político e dizer: "Olha, existe um conteúdo, a despeito de todas as dificuldades, e esse conteúdo precisa ter canais de veiculação". A Fiocruz, a MULTIRIO,

as universidades têm *um monte* de conteúdo que não consegue chegar à TV aberta. A PUC de São Paulo tem a TV PUC, que é uma referência. A MULTIRIO prova com a sua existência a necessidade de criar espaços para veicular uma programação alternativa à que costuma ser veiculada na TV aberta.

Como a comunicação pode estar à serviço da educação?

Comunicação hoje é um importante instrumento para a educação formal, a MULTIRIO prova isso. Várias experiências mostram que a escola precisa acompanhar os avanços tecnológicos e trazer para o seu ambiente as novas tecnologias. Não dá mais para ter uma relação cognitiva com o aluno que passe apenas pela exposição oral do professor; hoje temos uma outra temporalidade: são outras relações culturais que demandam a comunicação como mais um recurso do ensino formal. Fora isso, a comunicação é um processo educacional por si, ela pode viabilizar as vozes que não são ouvidas e, neste sentido, é um instrumento de cidadania. ■

Que tal montar ou atualizar a videoteca da sua escola com produtos da **MULTIRIO** premiados no Brasil e no exterior?



**Ligue 2528-8282
e faça o seu pedido.**

*Para escolher o que deseja, consulte o Catálogo de Produtos disponível na sala de leitura da sua escola ou acesse o nosso portal (www.multirio.rj.gov.br). As cópias em VHS serão entregues diretamente na sua escola.

* Os produtos adquiridos pela MULTIRIO estão disponíveis para empréstimo nas salas de leitura pólo.

Consulte a relação no portal MULTIRIO.

Nova democracia nas Américas

Correlação de forças entre Norte e Sul marca história política e econômica dos países do continente

As Américas são um continente marcado pela desigualdade desde a chegada dos colonizadores europeus, que se apropriaram dos recursos naturais do Novo Mundo. A exploração econômica das metrópoles ajudou a construir essas relações desiguais que persistem até hoje nas sociedades latino-americanas. “A intenção do colonizador foi sempre a de explorar. Toda a riqueza que pôde ser transferida para a Europa o foi. Até nos Estados Unidos montou-se uma estrutura típica de colônias de exploração no Sul do país, com latifúndios, monocultura voltada à exportação e escravidão”, afirma o geógrafo Marcos Ozorio, diretor do Departamento de Mídia-Educação da MULTIRIO.

Com a Doutrina Monroe, formulada em 1803, os norte-americanos assumiram a postura de colonizadores. A Doutrina – símbolo do intervencionismo da política norte-americana nas Américas – defendia a exclusão dos europeus de assuntos que dissessem respeito ao continente. “Os EUA sempre cultivaram a noção de ‘destino manifesto’, ou seja, eles que teriam a incumbência ‘divina’, de povoar o território e de ser os líderes da região”, comenta Ozorio.

De acordo com Williams Gonçalves, professor de História Contemporânea da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e da Universidade Federal Fluminense (UFF), outro marco da história das Américas foi a Guerra Hispano-Americana de 1898. Com ela, os EUA acabaram de vez com a influência dos espanhóis no continente. Apoiados pelos norte-americanos, insurgentes cubanos conseguiram obter a independência política da ilha, mas passaram à esfera de influência dos Estados Unidos. De quebra, os norte-americanos ainda anexaram Porto Rico ao seu território.

A 1ª Guerra Mundial marcou o declínio da influência europeia no continente latino-americano e o avanço dos norte-americanos no sentido de usurpar o posto europeu na



geopolítica global. Com a 2ª Grande Guerra, a influência dos EUA se tornou avassaladora. Ao interesse econômico antes existente, somou-se o estratégico, com a Guerra Fria, e o mundo acabou dividido em dois blocos de influência: o norte-americano e o soviético. Os EUA passaram a participar ativamente do processo político dos países da América Latina, apoiando gover-

TEXTO

FABIO ARANHA

ALINE CARNEIRO

nos e grupos anticomunistas, e moldaram a região de acordo com os seus interesses.

Visão imperialista – Os EUA definiram com precisão o papel econômico das Américas. “A intenção foi que a economia do resto do continente servisse à norte-americana, comprando seus produtos, fornecendo matérias-primas e alimentos e pagando pelo uso da tecnologia, numa relação de complementaridade assimétrica”, explica Williams.

Setores conservadores na América Latina viram nos EUA um protetor contra o comunismo. Os norte-americanos, por sua vez, usaram esses grupos para manter a sua hegemonia político-econômica. Como parte dessa política, apoiaram uma sucessão de golpes de Estado que instauraram regimes totalitários por toda a América Latina, nos anos 60 e 70, inclusive o brasileiro que durou de 1964 a 1985.

Mas com o fim da Guerra Fria, a ameaça comunista deixou de ser pretexto para legitimar o domínio econômico dos EUA no continente e, não por coincidência, o governo norte-americano lançou em 1991 a Área de Livre Comércio das

Américas (Alca). “A Alca foi a tentativa dos EUA de consolidar o seu controle sobre a economia do continente. Se implantada, ela seria desvantajosa para o Brasil porque nossa economia ficaria dependente da norte-americana”, afirma o professor da Uerj e da UFF.

Integração econômica – Ao mesmo tempo em que os EUA tentavam avançar a proposta da Alca, surgiam na América Latina outras alternativas de integração do continente. A principal delas tomou forma em 1991, quando foi criado o Mercosul (Mercado Comum do Sul), reunindo Brasil, Argentina, Uruguai e Paraguai.

Williams afirma que, apesar da instabilidade das relações econômicas ao longo dos últimos 15 anos, o Mercosul é importante por três razões. Em primeiro lugar, aproximou Brasil e Argentina, dois rivais históricos na América do Sul. Em segundo, ajudou a consolidar a democracia na região, uma vez que tem forte compromisso com instituições democráticas. Por último, o bloco tem personalidade jurídica e é o representante legítimo de seus membros, negociando conjuntamente seus interesses com países e blocos

O navegador que batizou um continente

O continente americano deve seu nome a um dos grandes navegadores dos séculos XV e XVI. Américo Vespúcio (1454-1512), ou Amerigo Vespucci em italiano, nasceu em Florença, Itália, de uma família rica, próxima à dos Médici, em cujo banco trabalhou durante duas décadas. Além de navegador, foi mercador, cosmógrafo e explorador de oceanos.

Em 1491, viajou para a Espanha para trabalhar com Juanoto Berardi, um dos principais financiadores da empresa marítima espanhola comandada pelos chamados “reis católicos” Fernando II, de Aragão, e Isabel I, de Castela. Dessa forma, passou a conviver de perto com os empreendimentos marítimos. Em 1498, tornou-se financiador das expedições de Cristóvão Colombo e no ano seguinte partiu para a sua primeira viagem em expedição do navegador Alonso de Hojeda. Em 1500, foi

contratado pelo rei de Portugal, D. Manuel I, e, em junho daquele ano, viajou rumo ao Brasil em esquadra comandada por Gonçalo Coelho.

Passagem pelo Brasil – Em 1501, aportou no litoral do Rio Grande do Norte, onde produziu o primeiro relato escrito sobre a antropofagia dos nativos da América, em carta denominada *Lettera*. Enviada a Florença, a carta foi publicada e se tornou um sucesso enorme de público. Durante aquele ano, a expedição passou por muitos pontos do litoral brasileiro. Como os navegantes carregavam consigo um calendário litúrgico, deram nomes aos lugares onde atracavam de acordo com os dias dos santos. Assim foram batizados a Baía de Todos os Santos, as cidades do Rio de Janeiro e de Angra dos Reis (esta última em viagem de Vespúcio ao mesmo local no ano seguinte), entre outros locais.

econômicos do resto do mundo e aumentando com isso seu poder de barganha.

Para o professor, a América do Sul vive um momento único na história, em que a influência política norte-americana é praticamente inexistente e seus líderes têm a oportunidade de tomar decisões independentes. Com o fracasso da Alca, os EUA ficaram sem instrumentos ideológicos e institucionais de pressão. Além disso, a política externa da Casa Branca está totalmente voltada ao Oriente Médio, especialmente, à ocupação do Iraque.

Movimentos sociais – “A América Latina vive hoje uma conjuntura inédita em que chefes de Estado do continente não pertencem às elites econômicas. Alguns deles são egressos das classes populares e representam movimentos sociais, como Lula, um ex-sindicalista, e Evo Morales, um representante dos índios cocaleiros da Bolívia”, comenta Williams.

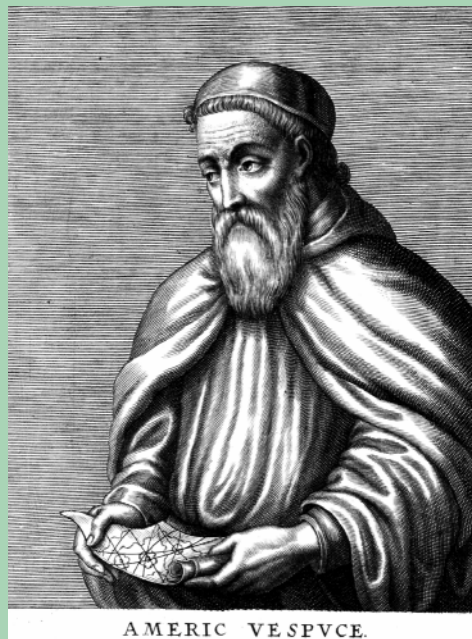
Ele acrescenta que o governo de George W. Bush contribuiu para esse quadro, na medida em que abraçou uma política externa autoritária e agressiva. “A estratégia de Bush é

intervencionista e antipática, não aceita acordos internacionais. Bush chutou o Protocolo de Kyoto, desprezou a ONU [Organização das Nações Unidas] na guerra do Iraque e com isso fez aumentar o antiamericanismo no continente e no mundo” explica o historiador. Ele afirma ainda que a ascensão das esquerdas da América do Sul também pode ser considerada consequência direta da falência dos projetos neoliberais para o continente, marcados por privatizações, desregulamentação das economias, abertura de mercados e controle de gastos públicos para garantir o pagamento das dívidas dos países pobres do continente.

Na opinião de Ozorio, esse fenômeno é o resultado do fortalecimento dos movimentos populares surgidos no contexto da redemocratização a partir da década de 1980, como o sindicalista e o da luta pela posse da terra. “A grande expectativa é que esses governos trabalhem para reduzir a horrorosa desigualdade social dos países do continente”, frisa.

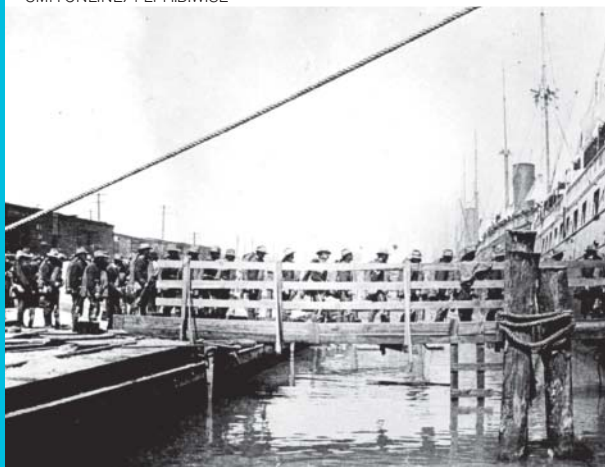
O geógrafo acrescenta que a chegada de candidatos de esquerda ao poder sem que sejam derrubados por golpes, apesar de alguns ►

Suas viagens ao longo da costa Leste da América do Sul convenceram-no de que se tratava de um novo continente, diferentemente da opinião dominante na época, de que as novas terras seriam o extremo-orientes da Ásia. Além de *Lettera*, outros relatos das viagens de Vespúcio foram publicados e alcançaram enorme popularidade, tornando-o um dos autores mais vendidos de seu tempo. Os dados e informações registrados por Vespúcio deram subsídios à Coroa portuguesa da exata dimensão do que havia do outro lado do oceano e serviram como aval científico para a posse oficial de Portugal sobre o novo território. Em 1507, o cartógrafo alemão Martin Waldseemüller (c. 1475-1522), ao desenhar um mapa-múndi, batizou o novo continente de América, como homenagem ao navegador florentino.



REPRODUÇÃO DO SITE WIKIPEDIA

CMH ONLINE/1 LT H.D.WISE



Embarque de tropas para a Guerra Hispano-Americana em junho de 1898

CMH ONLINE/CHARLES JOHNSTON POST



Em julho, os soldados avançaram sobre os espanhóis em território cubano

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA/ RICARDO STUCKERT



O Presidente Lula com a Primeira-dama, Marisa Letícia, durante a cerimônia de posse em seu segundo mandato...

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA/ RICARDO STUCKERT



... e com os presidentes que consolidaram a democracia na América Latina: Néstor Kirchner, da Argentina, Evo Morales, da Bolívia, e Hugo Chávez, da Venezuela

SAIBA MAIS

GUIMARÃES, Samuel Pinheiro.
Desafios brasileiros na era dos gigantes. Rio de Janeiro, Contraponto, 2006.

percalços, e a realização de eleições sistemáticas é uma demonstração concreta da consolidação da democracia na América Latina.

Williams, por sua vez, caracteriza a onda de esquerda na América Latina como neonacionalista, principalmente a representada por chefes de Estado como Hugo Chávez, Evo Morales e, num tom abaixo, Lula e Néstor Kirchner, da Argentina. "Esses governantes têm em comum um discurso de redução da desigualdade social, de políticas de distribuição de renda, ausente em governos anteriores. É verdade que políticas como o Bolsa Família, que tiram milhares de pessoas da miséria, podem ser aperfeiçoadas, mas não se pode extingui-las, como querem alguns", conclui. ■

As Américas em dados

Área total em km²: 42.560.270

População: 826.790.600 (dados relativos ao ano 2000)

Taxa de analfabetismo: 7,3% (dados relativos ao ano 2000)

Número de países: 35 (América do Norte, 3; América Central, 20; América do Sul, 12)

Idiomas falados: inglês, espanhol, português, francês, holandês, híndi, urdu, línguas indígenas etc.

Maior metrópole: Cidade do México – 21.503.700 habitantes (área metropolitana).

Um apólogo

Era uma vez uma agulha, que disse a um novelo de linha:

– Por que está você com esse ar, toda cheia de si, toda enrolada, para fingir que vale alguma coisa neste mundo?

– Deixe-me, senhora.

– Que a deixe? Que a deixe, por quê? Por que lhe digo que está com um ar insuportável? Repito que sim, e falarei sempre que me der na cabeça.

– Que cabeça, senhora? A senhora não é alfinete, é agulha. Agulha não tem cabeça. Que lhe importa o meu ar? Cada qual tem o ar que Deus lhe deu. Importe-se com a sua vida e deixe a dos outros.

– Mas você é orgulhosa.

– Decerto que sou.

– Mas por quê?

– É boa! Porque coso. Então os vestidos e enfeites de nossa ama, quem é que os cose, senão eu?

– Você? Esta agora é melhor. Você é que os cose? Você ignora que quem os cose sou eu e muito eu?

– Você fura o pano, nada mais; eu é que coso, prendo um pedaço ao outro, dou feição aos babados...

– Sim, mas que vale isso? Eu é que furo o pano, vou adiante, puxando por você, que vem atrás obedecendo ao que eu faço e mando...

– Também os batedores vão adiante do imperador.

– Você é imperador?

– Não digo isso. Mas a verdade é que você faz um papel subalterno, indo adiante; vai só mostrando o caminho, vai fazendo o trabalho obscuro e ínfimo. Eu é que prendo, ligo, ajunto...

Estavam nisto, quando a costureira chegou à casa da baronesa. Não sei se disse que isto se passava em casa de uma baronesa, que tinha a modista ao pé de si, para não andar atrás dela. Chegou a costureira, pegou do pano, pegou da agulha, pegou da linha, enfiou a linha na agulha, e entrou a coser. Uma e outra iam andando orgulhosas, pelo pano adiante, que era a melhor das sedas, entre os dedos da costureira, ágeis

como os galgos de Diana – para dar a isto uma cor poética. E dizia a agulha:

– Então, senhora linha, ainda teima no que dizia há pouco? Não repara que esta distinta costureira só se importa comigo; eu é que vou aqui entre os dedos dela, unidinha a eles, furando abaixo e acima...

A linha não respondia; ia andando. Buraco aberto pela agulha era logo enchido por ela, silenciosa e ativa, como quem sabe o que faz, e não está para ouvir palavras loucas. A agulha, vendo que ela não lhe dava resposta, calou-se também, e foi andando. E era tudo silêncio na saleta de costura; não se ouvia mais que o plic-plic-plic-plic da agulha no pano. Caindo o sol, a costureira dobrou a costura, para o dia seguinte. Continuou ainda nessa e no outro, até que no quarto acabou a obra, e ficou esperando o baile.

Veio a noite do baile, e a baronesa vestiu-se. A costureira, que a ajudou a vestir-se, levava a agulha espetada no corpinho, para dar algum ponto necessário. E enquanto compunha o vestido da bela dama, e puxava de um lado ou outro, arregaçava daqui ou dali, alisando, abotoando, acolchetando, a linha, para mofar da agulha, perguntou-lhe:

– Ora, agora, diga-me, quem é que vai ao baile, no corpo da baronesa, fazendo parte do vestido e da elegância? Quem é que vai dançar com ministros e diplomatas, enquanto você volta para a caixinha da costureira, antes de ir para o balaio das mucamas? Vamos, diga lá.

Parece que a agulha não disse nada; mas um alfinete, de cabeça grande e não menor experiência, murmurou à pobre agulha:

– Anda, aprende, tola. Cansas-te em abrir caminho para ela e ela é que vai gozar da vida, enquanto aí ficas na caixinha de costura. Faze como eu, que não abro caminho para ninguém. Onde me espetam, fico.

Contei esta história a um professor de melancolia, que me disse, abanando a cabeça:

– Também eu tenho servido de agulha a muita linha ordinária! ■

UM CONTO DE
MACHADO DE ASSIS
ILUSTRAÇÃO
ALINE CARNEIRO

Turismo ao sabor das ondas

Cruzeiros marítimos nacionais e internacionais trazem ao Rio de Janeiro cerca de 335 mil visitantes

O carioca já está até acostumado: com a chegada do verão, a cidade ganha cara nova. Os dias são mais longos, as praias ficam mais cheias e coloridas, as saídas do trabalho sempre rendem uma “esticadinha” e até as belezas naturais parecem mais radiantes. No Rio de Janeiro, a estação é sinônimo de um estado de espírito que seduz a grande maioria de sua população. Mas há mudanças que vão bem além do olhar simpático do carioca, ou da subida dos termômetros. O cenário ao redor do Cais do Porto é um bom exemplo.

A cada novo verão, o início da temporada de turistas movimenta a zona portuária e grandes navios de passageiros dão um charme extra à vista da Baía de Guanabara. Nos meses de dezembro, janeiro e fevereiro, praticamente não se passa um dia sem que pelo menos um deles esteja ancorado. E muitos são os habitantes da cidade que fazem questão de passar pela Avenida Perimetral ou pela Praça Mauá só para dar uma olhadinha em algumas embarcações, como o *Queen Mary II*, um dos maiores transatlânticos do mundo, que está fazendo a sua primeira volta ao redor do planeta em 80 dias e escolheu o Rio como primeira escala. Para José Carlos Sá, vice-presidente da Riotur, estes grandiosos visitantes já fazem parte da paisagem da cidade. “Os cariocas já se acostumaram com a presença dos turistas. E os navios, por sua imponência, anunciam a chegada e a partida de turistas na cidade”, comenta.

Os números da temporada 2006/2007 são os melhores de todos os tempos: de outubro do ano passado até junho deste ano terão sido realizadas 150 atracações de 38 diferentes navios, trazendo 335 mil turistas, um aumento de 30% em relação à temporada anterior. Estão navegando pela primeira vez pela costa brasileira 14 navios e 44 atracações são de cruzeiros internacionais. Os turistas permanecem de um a dois dias na cidade e, segundo pesquisa realizada pela Riotur, gastam em média US\$ 140 por dia. “Eles movimentam a cadeia de serviços de transporte, como táxis, ônibus e vans, visitam

nossas atrações turísticas e gastam em compras e restaurantes”, ressalta José Carlos.

Além da movimentação no *trade* turístico¹ da cidade, há ainda a geração de empregos diretos. Na Pier Mauá, empresa que administra o terminal de passageiros, cerca de 300 pessoas são contratadas a cada ano para garantir as operações de embarque, desembarque e trânsito de turistas. São profissionais de turismo bilingües, seguranças, carregadores de bagagem, médicos, paramédicos e lojistas, entre outros. No restante do ano, o número de funcionários fica em torno de 30. A boa notícia é que a temporada se estende por períodos cada vez maiores. “A atividade tem possibilitado grande oferta de empregos temporários. Mas é um temporário que se torna cada vez mais duradouro. Nossa temporada hoje se estende por seis meses. É metade de um ano com operação montada”, ressalta Pedro Guimarães, gerente de operações da estação de passageiros da Pier Mauá. Na outra metade do ano, o trabalho é dedicado à preparação para a temporada seguinte. É nesta época, por exemplo, que são feitas obras de melhoria. A temporada atual está “estreando” pintura da estação, reforma no ambulatório e banheiros, novas conexões de internet nos balcões de *check in*, novos aparelhos de raios-x de mão para bagagens e detecção de metais, câmeras de circuito interno e aperfeiçoamento das operações de segurança na estação e no cais.

Preparação e investimento – Não é somente a estação de passageiros que se prepara para receber novos visitantes a cada ano. A importância desse tipo de turismo para a cidade fica clara no empenho da Secretaria Especial de Turismo, através da Riotur, na divulgação do Rio de Janeiro junto aos principais operadores de cruzeiros

¹O *trade* turístico de uma cidade, país ou região é o conjunto de toda a estrutura relacionada ao turismo, englobando hotéis, bares, restaurantes, agências de viagem, lojas e todos os estabelecimentos comerciais direta ou indiretamente ligados à atividade.

TEXTO

RENATA PETROCELLI

FOTO

ALBERTO JACOB FILHO



Entre os meses de dezembro e março, os navios atracados no Cais do Porto mudam a paisagem da Baía de Guanabara praticamente todos os dias

marítimos. “Temos participado das principais feiras de turismo no exterior, ‘vendendo’ o destino Rio de Janeiro, notadamente na Seatrade, que ocorre em Miami e é a principal feira de cruzeiros marítimos do mundo, onde estão presentes todos os operadores, armadores e agentes de viagem”, explica José Carlos Sá.

Conquistados os turistas, a cidade tem mais trabalho pela frente. Afinal, é preciso que tudo esteja em ordem para recepcionar os visitantes. Com o crescimento do número de navios a cada temporada, a logística engloba o dimensionamento da movimentação e o planejamento das ações. A integração entre a Pier Mauá e o poder público é essencial. “É um trabalho que envolve toda a logística do turismo na cidade. Envolve os órgãos públicos, porque é preciso dimensionar equipamento e pessoal qualificado para receber nas datas predeterminadas esses grandes grupos. A cada temporada a gente abastece de informações todos esses órgãos, os equipamentos turísticos da cidade e os parceiros do comércio local”, destaca Pedro Guimarães. Muitas das tarefas cabem a órgãos públicos municipais, como ressalta José Carlos Sá. “Há uma mobilização do poder público no sentido de ordenação do trânsito, orientação aos motoristas sobre estacionamentos irregulares

e atuação constante para orientar os próprios turistas, pois a movimentação de ônibus e táxis cresce consideravelmente. Outras ações importantes são a coleta de lixo, o controle sobre a população de rua e sobre ambulantes desautorizados”.

O investimento é mais que justificado. Desde o início da operação de turismo marítimo no Rio de Janeiro, o número de passageiros e navios vem aumentando ano após ano. A primeira temporada foi a de 1998/1999, com 22 navios e 61 mil visitantes. Só nas últimas três temporadas, o número de passageiros passou de 136 mil para 250 mil. O número de turistas para a atual temporada, estimado em 335 mil, inclui ainda 85 mil tripulantes.

Pesquisa realizada pela Riotur mostra que a imensa maioria dos turistas que vêm ao Rio de navio pretende retornar à cidade para conhecê-la melhor. Noventa e seis por cento dos visitantes dizem que gostariam de vir novamente, já que a permanência dos navios na cidade é muito curta. A temporada 2006/2007 é também uma das mais extensas da história do turismo marítimo no Rio. Começou em outubro de 2006 e vai até junho de 2007, evidenciando uma tendência de ampliação do período de interesse na cidade, antes restrito ao verão. ■

CONHEÇA O NOVO SÉCULO XX1



O site do Programa Século XX1 mudou!

Você professor vai se surpreender com o novo visual, a facilidade de navegação e a variedade de recursos digitais.

Também foram criadas duas novas áreas de conteúdo – Blog e Projetos. Juntamente com as CHAVES e o Almanaque, as seções ampliam o alcance do site e aumentam a interatividade. Os adolescentes, por exemplo, passarão a ter conteúdos especialmente preparados para eles. Navegue, explore e conheça tudo que o Século XX1 tem a oferecer nessa nova fase.

www.multirio.rj.gov.br/seculo21

Fascínio pela informática

Visitas guiadas à sede da Iplan-Rio ajudam alunos da Rede a desvendar os segredos da profissão



Alunos de 10 escolas da rede municipal do Rio de Janeiro vêm visitando a Empresa Municipal de Informática da Prefeitura (IplanRio) desde o dia 28 de novembro. A iniciativa é parte da parceria celebrada entre o órgão e a Secretaria Municipal de Educação (SME) e integra o Programa das Profissões nas Escolas. Segundo a presidente da IplanRio, Márcia Andréa Peres da Silva, o objetivo é fazer com que as crianças conheçam um pouco da profissão de informata.

"É importante que as pessoas não abram mão daquilo em que acreditam. Tudo tem um

grau de dificuldade associado, mas é preciso que a gente não desista", disse a presidente a um grupo de 15 alunos da Escola Municipal Levy Neves, localizada no bairro do Engenho da Rainha, Zona Norte da cidade, que visitou a empresa no dia 7 de dezembro.

Para ela, esta é uma oportunidade de os estudantes experimentarem o ambiente tecnológico. "O que a gente quer é dar esperança para as crianças, um estímulo para que continuem seus estudos, para que não desistam e deixar a mensagem de que é preciso continuar". ►

TEXTO

DIANA PAULA DE SOUZA

REDATORA-EDITORA DO PORTAL

MULTIRIO

FOTOS

ALBERTO JACOB FILHO

A escola vai à empresa

O programa As Profissões nas Escolas foi viabilizado pelo prefeito César Maia, através do Decreto nº 2118, de 25 de março de 2002, para permitir que alunos de 5ª a 8ª séries das escolas municipais conhecessem todas as possibilidades de atuação existentes nos diferentes órgãos municipais.

O principal eixo do programa é a visita de profissionais de diferentes áreas da Prefeitura às escolas que trabalham com o segundo segmento. A finalidade é dar aos alunos uma visão geral das profissões, falando de experiências, estudos, atribuições e do mercado de trabalho. Mas na Iplan-Rio o programa foi mais além. "Lá, a presidente ampliou o leque de opções dos estudantes ao abrir a empresa para visitas, criando a oportunidade de um contato mais direto com os profissionais em seu ambiente de trabalho", explica o assessor-chefe de integração da SME.



Os alunos foram recebidos pela presidente da Iplan-Rio, assistiram a um vídeo institucional...



...e, na palestra de um analista de sistemas, conheceram toda a história dos computadores

A coordenadora do Comitê de Relações Institucionais da empresa, Margarete Ramos, esclarece que as visitas são destinadas a alunos que estão finalizando o ensino fundamental e que, portanto, precisam optar entre seguir, no ensino médio, o curso de formação geral ou o profissionalizante. "Esta é uma visita que tem por finalidade falar um pouco sobre a área de informática, opção de muitos alunos nas escolas municipais".

A abertura do encontro foi realizada pela presidente num tom descontraído, que perdurou por toda a visita. Seguiram-se a exibição de um filme institucional, que mostrou o trabalho realizado pela Iplan na Prefeitura do Rio, e uma palestra em que o analista de sistemas Carlos Augusto Rodrigues Correia Filho falou da evolução dos computadores ao longo dos últimos 60 anos: desde o primeiro, o Eniac, criado em 1946, (cuja central de processamento ocupava um ginásio inteiro e era utilizado basicamente para fazer cálculos) até os dias de hoje, com as possibilidades de utilização da *web* em celulares. O profissional também deu indicações de cursos profissionalizantes e de nível superior. No encerramento os alunos visitaram o centro de dados e a área de impressão da empresa.

A estudante Bruna Fernandes Zamorano dos Santos, de 15 anos, aprovou os esclarecimentos que obteve sobre a profissão. Ela pretende estudar *webdesign* e, por isso, vai fazer o curso técnico em informática. Já o aluno Danilo Pinheiro Coelho, de 16 anos, quer ser projetista gráfico e também pretende ingressar num curso técnico nessa área.

O professor Paulo Resende, assessor-chefe de integração da SME, ressalta a importância de os alunos conhecerem as diversas profissões, sendo motivados e orientados em suas escolhas para que tenham maiores possibilidades de sucesso. "Esse contato direto com os profissionais da Iplan é muito importante. Além disso, eles explicam em detalhes o que fazem".

Márcia Neves considera que não só os alunos se beneficiam com esse tipo de atividade, mas também a empresa. "É uma experiência de troca. A empresa gera aprendizado, mas também recebe. Fica um legado de conhecimento para a organização", conclui. ■

Por uma práxis educativa

“Não penso autenticamente se os outros também não pensam. Simplesmente, não posso pensar pelos outros nem para os outros nem sem os outros.”

(Freire, 2005, p. 117)

Vêm me chamando atenção os discursos nos centros de estudos que demonstram uma concepção dicotômica e polarizada entre teoria e prática. Não é raro ouvirmos de professores, coordenadores e diretores: “Ah, na teoria é uma coisa, quero ver na prática!”. O que exatamente queremos dizer com isso? Que negamos que a educação seja uma profissão intelectual e que por isso prescindamos de teoria? Que não existe uma ciência da educação e outras tantas ciências, como a sociologia, a psicologia, a filosofia, que nos oferecem conhecimentos fundamentais para a compreensão do fazer pedagógico? A frequência deste discurso me preocupa e me instiga a fazer algumas reflexões.

O primeiro estranhamento sinto frente ao posicionamento de profissionais da educação ao se enrinchar em defesa da prática como se esta se opusesse a uma reflexão teórica, como se fosse possível ao educador – assim como a qualquer ser humano – simplesmente “fazer” sem pensar sobre o que faz, como se fosse possível uma ação educativa que não se debruçasse sobre as razões psicológicas, biológicas, sociológicas e filosóficas de sua prática. Isso em uma primeira leitura me leva a interpelar: que sujeito formador de sujeitos é esse que não se reconhece como sujeito de saber, como *homo sapiens*? Que nega não só a natureza implícita de sua prática pedagógica como um fazer pensado, ou como práxis, como nega a si mesmo como possuidor e escritor destas teorias?

Outro estranhamento vem frente à insistência de se atribuir às teorias um caráter místico ou transcendente, como se nenhuma relação houvesse com o mundo material, como se as teorias epistemológicas fossem fruto de um delírio de algum velho acadêmico demente que enclausurado em sua torre de sabedoria

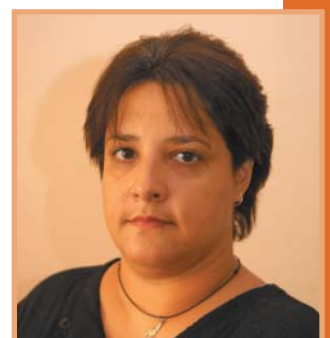
teve uma clarividência para a humanidade, e não fruto de reflexão, diálogos, pesquisas entre sujeitos que buscam uma compreensão menos superficial e mais complexa sobre a realidade.

As teorias pedagógicas são construídas sobre um fazer. Paulo Freire elaborou suas reflexões a partir da interação constante, interessada e respeitosa com sujeitos de diferentes partes do mundo, em realidades marcadas pela opressão, miséria e violência. Ele não teorizava sobre alfabetização. Ele alfabetizava e ao pensar sobre seus sucessos e fracassos, sobre os seus erros e possibilidades de sua prática, construía sua teoria. Era um educador. Como qualquer professor ao registrar suas impressões e reflexões sobre o seu fazer também é. O professor não é o operário que o modelo Ford desejava. Ele não é um repetidor, um apertador de botões, proletário ignorante e manipulável. Ele é um intelectual que forma intelectualmente outros sujeitos.

Educadores lêem. Educadores aprofundam-se constantemente na ciência da educação e nas outras ciências que com ela dialogam. Educadores fazem perguntas e buscam respostas para além das obviedades. Educadores abrem-se ao saber, o amam e o respeitam acima de tudo.

Educadores aprendem com sua prática, claro. E aprendem a renová-la sempre. Aprendem a ser humildes diante do próprio conhecimento que sabem sempre ser pequeno diante do desafio que é a educação. Educadores não têm respostas para todas as perguntas, mas sempre têm muitas perguntas em busca de respostas.

Para um educador não existe teoria e prática, existe práxis. Existe um sujeito que faz pensando e pensa fazendo, em uma relação dialética com o mundo. ■

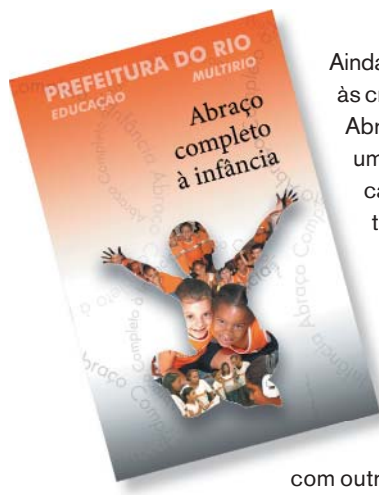


Andréa Serpa

Professora do Ciep Compositor Donga (Taquara, Jacarepaguá, 7ª CRE).

Atenção, cuidado e muito afeto

Kit destaca importância das creches como espaços privilegiados das relações entre adultos e crianças



Ainda no primeiro semestre de 2007 chegará às creches públicas municipais a Coleção Abraço Completo à Infância, com um livro, um vídeo e um DVD dedicados aos educadores que trabalham com crianças de três meses a três anos e 11 meses.

Hoje em dia, cada vez mais cedo as crianças começam a frequentar creches, fazendo uso de um direito e atendendo, ao mesmo tempo, a uma necessidade de seus responsáveis. É na creche que brincam, se desenvolvem e aprendem, junto com outras crianças e educadores. Ao final de cada dia, repleto de interações, descobertas e invenções, chega a hora de ir embora e, não raro, as crianças relaxam e dormem antes mesmo de chegar em casa. No dia seguinte, sem poder fugir do relógio e do vaivém dos adultos, bem cedinho voltam à creche.

Assim, essa convivência diária exige que sejam estabelecidas parcerias permanentes entre os adultos da família e da creche, que, juntos, são responsáveis por educar as crianças. Para tudo dar certo, é importante que pais e educadores tenham clareza sobre as funções, os papéis e as responsabilidades de cada um.

Abraçar a rotina – É comum entender como rotina o rol de atividades cotidianas que não se pode evitar, como: dar banho, alimentar, trocar fraldas etc. No entanto, precisamos reconhecer cada criança como um ser único. Nenhum banho é igual ao outro, nem o educador, nem a criança. Por um lado, há um educador com o seu toque de mãos maiores ou menores, maior ou menor disponibilidade de tempo, voz suave ou irritada etc. e, do outro, uma criança que pode gostar ou não do banho, de água mais fria ou mais quente, de chuveiro ou de banheira etc. Amanhã todos estes detalhes poderão mudar, o que enriquece e modifica permanentemente as circunstâncias, as pessoas e as atividades que chamamos de rotina. Parece que a rotina da creche nunca cai na rotina.

Abraço completo – A Coleção Abraço Completo à Infância foi elaborada por professores da equipe de Educação Infantil da Secretaria Municipal de Educação (SME) em parceria com professores e jornalistas da MULTIRIO. Foram eleitos 10 temas, pela frequência com que ocupam a vida de educadores e crianças na creche.

Deste modo, espera-se que esta coleção ajude a enriquecer a ação pedagógica das creches públicas municipais, a vida das crianças e de suas famílias, alcançando os grupos de estudos, os encontros de pais e educadores, as reuniões com responsáveis etc. Esperamos que os profissionais usem o livro como um espaço de estudo, de consulta e também de anotação e de registro de dúvidas, fatos ou situações que precisem ser retomadas. Os vídeos deverão convidar à leitura do livro e vice-versa, e, na internet, haverá mais de um texto sobre cada tema, para que os coordenadores pedagógicos e equipes das CREs possam aprofundar e enriquecer o trabalho desses profissionais com suas crianças. ■

Os temas

- O momento de entrada da criança na creche;
- Questões relativas a alimentação;
- A hora do banho;
- Os momentos de dormir, descansar e relaxar;
- Das fraldas às calcinhas e cuequinhas;
- Regras de conveniência e de vida social;
- Os medos e tudo o que pode ser assustador;
- A autocentrção e o egocentrismo infantis;
- O que diferencia gênero masculino ou feminino das questões relativas à sexualidade;
- Riscos, cuidados e prevenção de acidentes.

TEXTO

MARIA INÉS DELORME

FOTO

REPRODUÇÃO

Temporada de recompensas

Instituições premiam os melhores trabalhos e projetos desenvolvidos por professores na escola

Instituições de todo o país estão reconhecendo e divulgando os melhores trabalhos na área de educação. Além de contribuir com propostas inovadoras e bem-sucedidas, os professores da Rede poderão candidatar-se a prêmios de até R\$ 25 mil.

A Prefeitura do Rio promove o Prêmio Anísio Teixeira, um concurso de monografias que concede R\$ 5 mil ao melhor trabalho nos seguintes campos temáticos: currículo, ação cultural na escola, gestão, tecnologia em educação e educação infantil. Os interessados devem ficar atentos à publicação do regulamento no *Diário Oficial do Município*, prevista para este mês.

Já o Prêmio Professores do Brasil, iniciativa do Ministério da Educação (MEC), tem como meta fortalecer a educação básica, entendendo a infância como uma fase de desenvolvimento humano que inclui a educação infantil e as séries iniciais do ensino fundamental. Os projetos vencedores recebem prêmio de R\$ 5 mil, um troféu, um certificado e uma viagem a Brasília para a solenidade de premiação. As inscrições devem abrir em outubro.

Outra iniciativa que merece destaque é o Prêmio Viva Leitura, a cargo da Organização de Estados Ibero-americanos para a Educação, a Ciência e a Cultura (OEI), em conjunto com os Ministérios da Educação e da Cultura. Os trabalhos podem descrever experiências educacionais bem-sucedidas e projetos pedagógicos implementados. A premiação é de R\$ 25 mil por categoria. As inscrições devem ser abertas no primeiro semestre.

O Prêmio Denatran recompensa iniciativas de educação no trânsito. Entre outras categorias, há a de Educador do Ano, com prêmios até R\$ 3 mil, e a de Estudante. O início das inscrições está previsto para o mês de maio.

O Prêmio Paulo Freire – Mestre Cidadão, promovido pelos Laboratórios Abbott, em parceria com a Associação de Prevenção e Tratamento da Aids (Apta), valoriza a atuação dos professores como agentes no processo de informação e prevenção às doenças sexu-

almente transmissíveis (DST) e Aids e premia 10 professores. Podem participar professores de educação infantil e de ensino fundamental e médio com regência de turma. Os trabalhos devem descrever a atuação do professor na informação e prevenção a DST/Aids, além de projetos ou programas de prevenção postos em prática na escola. As inscrições deverão abrir em maio ou junho próximos.

Na mesma linha está o Prêmio Escola, organizado pelo Programa Nacional de DST/Aids do Ministério da Saúde (MS) e pelo Ministério da Educação (MEC), em parceria com a Unesco e o Unicef. O concurso escolhe os melhores cartazes feitos por alunos do ensino fundamental ou médio. O prêmio concede material informativo e um computador para a escola vencedora. O estudante mais bem colocado ganha uma viagem.

Há ainda opções de concursos de outros estados para os professores do Rio. O Prêmio Sérgio Roberto Mascarenhas, iniciativa do governo de Pernambuco, é voltado a professores de educação infantil e de ensino fundamental e médio das redes públicas e privadas. Os participantes devem descrever experiências pedagógicas em qualquer área de conhecimento ou multidisciplinares. Os trabalhos selecionados serão exibidos na feira Ciência Jovem, organizada pela prefeitura local, e submetidos a uma comissão julgadora. O primeiro colocado receberá R\$ 1 mil. As inscrições deverão abrir entre setembro e outubro deste ano. ■

TEXTO

CAROLINA BESSA

Endereços para inscrição

- Prêmio Anísio Teixeira: www.rio.rj.gov.br/sme/crep
- Prêmio Professores do Brasil: www.mec.gov.br
- Prêmio Viva Leitura: www.premiovivaleitura.com.br
- Prêmio Paulo Freire: www.abbottbrasil.com.br/paulofreire
- Prêmio Escola – Incentivo à Prevenção das DST/Aids: <http://www.unesco.org.br/areas/educacao>
- Prêmio Denatran de Educação no Trânsito: www.denatran.gov.br
- Prêmio Ciência Jovem: www.espacociencia.pe.gov.br/cienciajovem

Escola como espaço de formação

Atender a cada fase de desenvolvimento dos alunos é o maior desafio para os professores

No ano de 2000, a Secretaria Municipal de Educação (SME) do Rio de Janeiro implantou o 1º Ciclo de Formação. A partir de 2007, as escolas da rede pública municipal estarão funcionando com os três ciclos de formação. Cada um deles é organizado em 600 dias letivos. O primeiro atende a alunos de seis a oito anos; o segundo, de nove a 11 anos; e o terceiro, de 12 a 14. Essa divisão corresponde aos períodos de desenvolvimento humano – respectivamente, infância, pré-adolescência e adolescência. Assim, o processo de escolarização prevê uma adequação do ensino dos conhecimentos escolares às especificidades do desenvolvimento humano em suas diferentes fases. O tempo escolar, portanto, passa a ser flexibilizado e organizado em períodos de desenvolvimento e, nesta lógica, organiza-se o ensino.

Pensa-se, assim, uma escola voltada para a humanização, ou seja, para a formação humana, princípio básico de uma escola ciclada. “Em uma concepção humanista, podemos dizer que a escola tem a função de socialização do ser humano: a espécie humana, para sua sobrevivência, constrói instrumentos, artefatos, costumes, normas, códigos

de comunicação e convivência (cultura). À escola cabe contribuir com a interiorização destas idéias, concepções, formas culturais que, em geral, a sociedade adulta requer, através de conteúdos, formas e sistemas de organização”.¹

Cada ciclo é composto por três períodos: o inicial, o intermediário e o final, totalizando os nove anos do ensino fundamental.

É importante que a escola organize o currículo de modo a garantir a continuidade do trabalho pedagógico dentro de cada ciclo e de um ciclo para outro. Para que esse processo ocorra de forma efetiva, torna-se fundamental a construção de um trabalho coletivo e uma gestão que articule o grupo de professores na elaboração de um planejamento que atenda às necessidades dos alunos.

É fundamental que cada escola organize a sua proposta pedagógica com base no Núcleo Curricular Básico Multieducação e trabalhe de forma integrada, em que diretor, coordenador pedagógico, professores, funcionários, responsáveis e alunos, enfim, a comunidade escolar participe e colabore na construção do projeto político-pedagógico da unidade escolar.

¹GIMENO SACRISTÁN, J. & PÉREZ GÓMEZ, A. I. *Compreender e transformar o ensino*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1998.

TEXTO

MARIA ALICE OLIVEIRA
DA SILVA, ASSISTENTE DO
E/DGED/SME/RJ E MARIA
DE FÁTIMA GONÇALVES
DA CUNHA, DIRETORA DA
DIRETORIA DE EDUCAÇÃO
FUNDAMENTAL/SME/RJ

ARTE

DAVID MACEDO

Buscar atender às necessidades educacionais de todos os alunos é um pressuposto que precisa ser assumido por toda a equipe da escola. O compromisso com o desenvolvimento e a aprendizagem é de todos. Sendo assim, cabe à equipe pedagógica buscar alternativas que levem ao pleno desenvolvimento dos alunos.

Em sala de aula é preciso realizar um trabalho voltado para o atendimento às diferenças. O trabalho diversificado, a monitoria, os trabalhos em grupo etc. são alternativas para atender de modo diferenciado aos alunos.

Deve ser previsto também no planejamento um trabalho sistemático que envolva todas as turmas e professores. A partir dos recursos humanos disponíveis na escola, cada grupo de professores reorganizará os alunos, formando novos agrupamentos, independentemente das turmas-referência, de modo a atender às necessidades dos alunos, dando conta de questões específicas que surjam durante o processo de escolarização, bem como realizando um trabalho de enriquecimento e ampliação de conhecimentos.

Podem ser realizados projetos que integrem as diferentes áreas do conhecimento e as diferentes linguagens. Para que este tra-

balho tenha êxito, ele precisa ser efetivado a partir da troca, do diálogo entre os professores da escola e o conhecimento da realidade de cada aluno. Realizar um trabalho em que a escola, o planejamento de cada professor vá ao encontro dos interesses do aluno, de suas necessidades e das características de cada fase de desenvolvimento humano é o maior desafio a que se propõe a escola atual.

Pensar em um ensino de qualidade significa considerar uma escola cujo trabalho pedagógico valorize igualmente todas as áreas do conhecimento e trabalhe proporcionando ao aluno experiências que envolvam as diferentes linguagens.

Trabalhar considerando uma proposta de escola ciclada é pensar em adequar o ensino aos períodos de desenvolvimento humano, buscar o desenvolvimento integral dos alunos, trabalhar coletivamente para atender às necessidades educacionais dos alunos e fazer da escola um espaço de formação humana para todos.

Para melhor entendimento desse modo de pensar e trabalhar, a seção *Caleidoscópio* de NÓS DA ESCOLA apresentará, durante todo este ano, textos que contribuirão para a sua informação e formação. ■

Entre fios, tramas e textos

A história está cheia de personagens femininos que, mestres de fusos e rocas¹, e de agulhas e linhas, exploravam fios e palavras. Sozinhas ou em grupos, tecendo, bordando ou costurando, elas contavam histórias ou ilustravam as suas criações para passar o tempo e expressar o que pensavam ou sentiam. A associação entre a figura feminina e a arte de tecer e de narrar não é nova, mas extremamente poderosa. Tanto que, na mitologia grega, quem representava o destino da humanidade eram três fiandeiras, as Parcas, filhas de Júpiter e Têmis. Enquanto Cloto (a mais nova) tecia o fio da vida dos homens, Láquesis fazia girar o fuso e fiava o destino de cada um deles. Por último, Átropos cortava o fio quando a vida chegava ao fim. Não é por acaso que para os gregos o fuso e a roca funcionavam como um mecanismo que fazia nascer e renascer. Nessa simbologia, a mulher segurava na mão esquerda o chumaço que ia desaparecer e, na direita, o fio que ia surgindo. “Os destinos das almas que iam renascer eram trazidos e preparados pelo fuso e pela roca – que não davam existência às almas, mas as preparavam para existir”, explica a escritora Ana Maria Machado, no belo texto “O Tao da teia – sobre textos e têxteis”. Se na mitologia grega eram as tecelãs que preparavam o fio da história de cada um de nós, hoje, o que nos faz viver novamente, sempre de uma forma diferente da outra, são as narrativas.



Associadas à tecelagem ou à costura, as narrativas deram vida e libertaram muitos personagens femininos, reais ou imaginários. Filomena, protagonista de uma lenda da mitologia grega, ao ser raptada, violada e presa em uma torre pelo cunhado Tereus, teceu o episódio e fez o tecido chegar às mãos de sua irmã, que decifrou a mensagem e saiu em busca de justiça.

Na *Odisseia* – obra célebre do escritor grego Homero que conta a história da volta de Ulisses, herói da Guerra de Tróia, à cidade de Ítaca –, Penélope vê renascer a cada dia a esperança do retorno do amado, graças a um eterno manto que tece de dia e que desfaz à noite. No poema, a linda e virtuosa mulher de Ulisses é cobiçada por muitos pretendentes enquanto o seu grande amor está guerreando. Ela, no entanto, diz que só escolherá um novo marido quando terminar o manto. Assim, fiel à sua escolha e cheia de esperança, ela faz e refaz a sua obra por quase 20 anos.

Deixando de lado as lendas e voltando o olhar para a história, a tecelagem foi uma atividade essencialmente feminina até pelo menos meados do século XVIII, quando o tear mecânico foi inventado. As mulheres de então reuniam-se para costurar e contar as suas histórias². E até hoje isso acontece. Em várias partes do mundo há cooperativas de bordadeiras, costureiras ou rendeiras que, ao criarem as suas tramas de tecido e linha, criam também histórias que passam

às filhas, netas e para quem mais quiser ouvir. Aqui mesmo, no Rio de Janeiro, há bordadeiras que criam narrativas (não mais oralmente) nas barras de saias e vestidos.

Nos Estados Unidos do século XIX, as escravas utilizavam o mesmo recurso de ilustrar com suas histórias as peças que criavam. Elas narravam a sua convivência com a escravidão nos *quilts* (colchas de retalhos) e depois os vendiam aos senhores em troca de liberdade. Em seu artigo, Ana Maria Machado lembra que um dos *quilts* mais famosos de que se tem notícia é o de Harriet Powers, que “alterna em quadrados de cores contrastantes, como em um tabuleiro de xadrez, cenas cotidianas da escravidão com sonhos de liberdade”. Harriet deixou com a sua criação “uma descrição detalhada de todo o simbolismo criado em sua iconografia, explicando cada cena à compradora de seu trabalho”.

Hoje, as mulheres não mais precisam contar suas histórias nas rodas de costura ou nas suas produções têxteis – elas tecem os seus fios de palavras nas tribunas, escrevem livros, fazem filmes, tiram fotos e livremente dizem e registram o que pensam, imaginam ou sonham. Os homens, por sua vez, estão à frente de grandes indústrias têxteis, são costureiros famosos e também contadores de histórias. A atividade têxtil e a produção de texto saíram ganhando com as possibilidades que a história nos deu, de homens e mulheres poderem trocar idéias e saberes.

E nós também ganhamos com essa troca porque podemos embarcar e nos deliciar nas tramas criadas por Monteiro Lobato, Machado de Assis, Rachel de Queiroz, Clarice Lispector, Maria Clara Machado, Jorge Luis Borges, Gabriel García Márquez e tantos outros mestres da literatura; bem como nas imagens lindas e poderosas de Augusto Malta, Sebastião Salgado, Anne Leibowitz e muitos outros fotógrafos e fotógrafas que clicaram momentos da nossa história e contaram história com suas fotos; nas pinturas de artistas sensíveis como Picasso, Rugendas e Tarsila do Amaral, que reproduziram em seus quadros momentos da vida cotidiana; e também nas histórias de cineastas como Nelson Pereira dos Santos, Kátia Lund, Walter Salles, Carla Camurati, Wim Wenders e muitos outros que nos emprestaram seu olhar para ampliarmos ►

Fuso: pequeno instrumento de madeira, arredondado, mais grosso no centro e pontiagudo nas extremidades, utilizado para fiar, torcer e enrolar o fio de trabalhos feitos na roca;

Roca: pequeno bastão com um bojo na extremidade, no qual se enrola o algodão, a lã ou o linho a ser fiado. (*Dicionário Houaiss da língua portuguesa*)

²Para Walter Benjamin, “a experiência que passa de pessoa para pessoa é a fonte a que recorrem todos os narradores”. Ele diz que entre as narrativas escritas, “as melhores são aquelas que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos”. E identifica dois grupos de narradores através de seus representantes arcaicos: o camponês sedentário e o marinheiro comerciante. O primeiro conhece as histórias e tradições de seus ancestrais, e o segundo, as histórias que vêm de longe, de povos distantes.

TEXTO

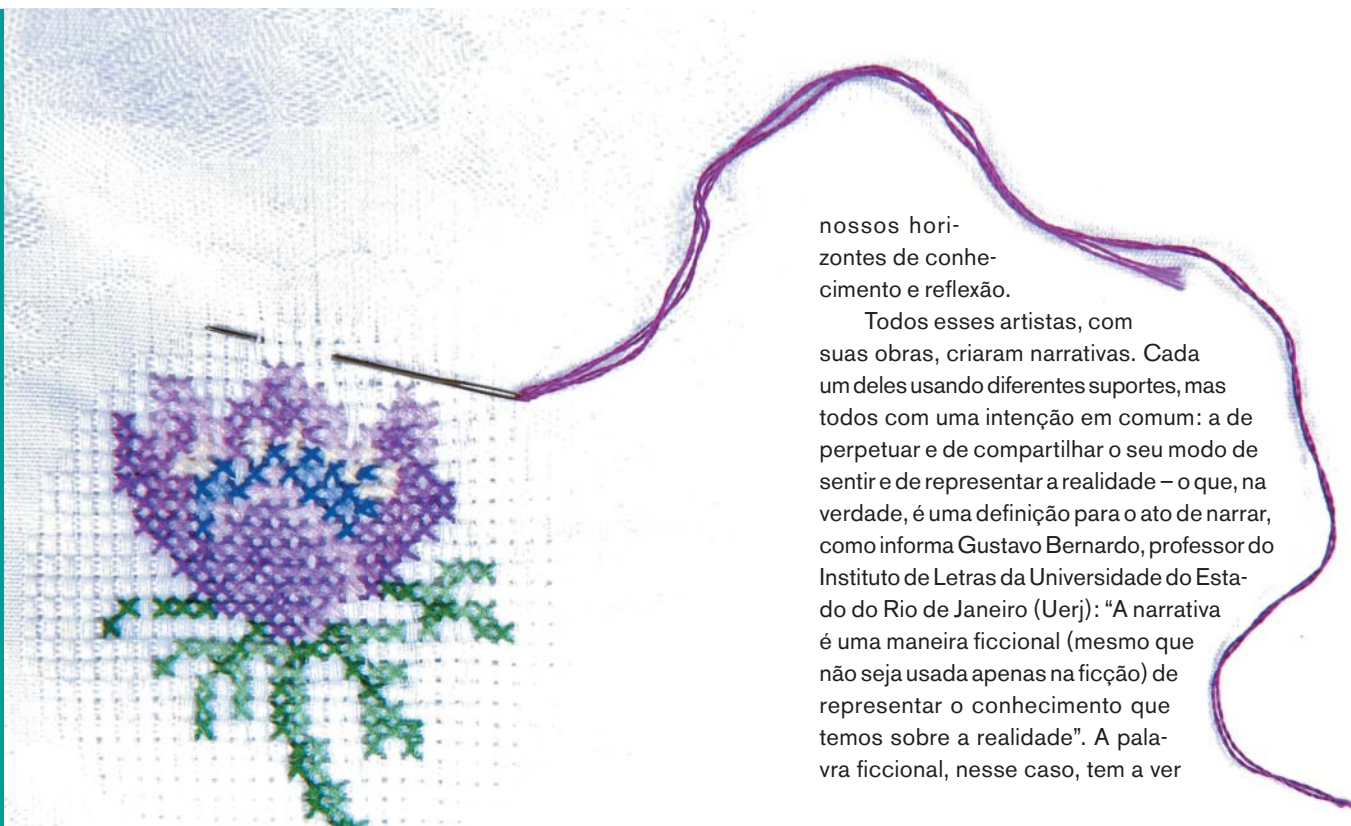
MARTHA NEIVA MOREIRA

ARTE

DAVID MACEDO

FOTOS

ALBERTO JACOB FILHO



nossos horizontes de conhecimento e reflexão.

Todos esses artistas, com suas obras, criaram narrativas. Cada um deles usando diferentes suportes, mas todos com uma intenção em comum: a de perpetuar e de compartilhar o seu modo de sentir e de representar a realidade – o que, na verdade, é uma definição para o ato de narrar, como informa Gustavo Bernardo, professor do Instituto de Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ): “A narrativa é uma maneira ficcional (mesmo que não seja usada apenas na ficção) de representar o conhecimento que temos sobre a realidade”. A palavra ficcional, nesse caso, tem a ver

A tessitura dos números

É possível, desejável, trabalhar com narrativas em qualquer área do conhecimento. Na escola, em turmas de educação infantil, é muito comum o exercício de contar histórias. As narrativas estão presentes na sala de aula naturalmente e são reconhecidas como necessárias ao trabalho de quem lida com crianças pequenas. Acontece que são também necessárias em todos os segmentos, para crianças, jovens e adultos, por todas as razões já apontadas aqui.

Mas ainda é raro professores do segundo segmento do ensino fundamental usarem narrativas em suas aulas. A utilização de textos, histórias, fica restrita às aulas de língua portuguesa e muitas vezes aprisionada no ensino de gramática e de estilos literários. O prazer da leitura, das descobertas que uma boa narrativa proporciona, se perde em meio ao exercício de achar este ou aquele conceito da língua portuguesa nos textos que circulam pelas salas de aula.

Obviamente, isso não quer dizer que ensinar regras de nosso idioma não tenha importância; muito pelo contrário, é fundamental. Só que o exercício da leitura determina a criação da boa escrita. Lendo, aprendemos a escrever e não apenas a identificar exemplos disso ou daquilo. E escrevendo, narrando, renascemos. “É muito comum alunos meus que chegam e dizem que não sabiam que tinham aquilo que escreveram no seu interior, depois de terem escrito algum texto que pedi. Digo a eles que não o tinham de fato, que o ato de escrever é que os fez serem outra pessoa e que este processo é doloroso, mas fascinante”, conta Gustavo

Bernardo, que dá aulas para alunos de primeiro período no Instituto de Letras da Uerj.

Fora dos domínios do ensino de língua portuguesa e de literatura, o terreno é escasso de tramas e personagens. Até mesmo na história muitas vezes datas e fatos ganham mais espaço do que relatos históricos, disponíveis em clássicos da literatura, encontrados nas bibliotecas e salas de leitura de muitas escolas.

Na Rede, uma professora vem traçando um caminho cheio de tramas e de personagens no ensino da matemática. Tânia Maria Moratelli Pinho, que leciona para turmas de 6ª e 7ª séries da Escola Municipal Affonso Penna e este ano para alunos do Peja (Programa de Educação de Jovens e Adultos), parte de narrativas jornalísticas e literárias para trabalhar conceitos matemáticos. “Entendo que o texto é fundamental para aprender a minha disciplina. Para saber matemática é preciso saber interpretar”.

No ano passado, as primeiras lições sobre o sistema de equações foram trabalhadas a partir de um texto que conta a história da engenhosa solução encontrada pelo filósofo, matemático e físico grego Arquimedes para o problema da coroa do Rei Hieron. Segundo a lenda, o rei havia prometido uma coroa de ouro aos deuses que o tinham protegido em suas conquistas. Levou então certo peso do metal a um ourives para que este a fabricasse. Quando a encomenda ficou pronta, com o peso igual ao do ouro que Hieron havia fornecido, o ourives foi acusado de ter substituído ouro por

com o fato de ser impossível, ao se contar uma história, representar fielmente toda a realidade. “Não conseguimos jamais apreender todos os pontos de vista ou enxergar a realidade, a verdade toda”, observa o professor. Por isso, a criação narrativa parte sempre de uma perspectiva, a do autor, que reconstrói o real a partir de sua visão de mundo.

Ficção e realidade – É a relação com a realidade, com a verdade, que marca a diferença entre os tipos de narrativa. O discurso jornalístico diz que diz a verdade, mas se analisarmos as histórias do dia-a-dia que saem nos jornais vamos perceber que o texto do jornalista, apesar de relatar o fato, está impregnado da visão do repórter que foi ao local, escolheu perguntas para fazer às fontes, pensou com o fotógrafo

imagens que dessem conta de ilustrar a sua história e, por fim, escolheu as melhores palavras para escrevê-la. Tal qual o escritor, ele recria um fato de acordo com a sua visão de mundo. Por isso, a tão exigida isenção jornalística, tida como regra número um dos manuais de redação, é para muitos especialistas uma missão impossível. “Só podemos pensar na isenção jornalística como uma idéia reguladora, mas jamais como regra que possa ser cumprida completamente”, observa o professor Bernardo.

Temos clareza disso diante das grandes reportagens do New Journalism norte-americano. Ao lermos fragmentos de matérias e artigos de Tom Wolfe, Truman Capote, entre outros, temos a nítida impressão de que em algumas delas o repórter deixa de lado o lugar de mero observador, que relata os fatos, ►



Tânia usa histórias em suas aulas

prata. Arquimedes foi encarregado pelo rei de investigar se a acusação era de fato verdadeira. Diz a história que, ao tomar banho, Arquimedes percebeu que poderia resolver o problema, observando a elevação da água à medida que mergulhava o corpo. E realmente conseguiu.

Primeiro mergulhou em um recipiente cheio de água uma massa de ouro puro igual à da coroa e recolheu a água que transbordou. Em um segundo momento, retomou o recipiente cheio de água, mergulhou nele uma massa de prata pura, também igual à da coroa, e recolheu a água transbordada. Como a densidade da prata é menor do que a do ouro, foi fácil perceber que o volume de água recolhido na operação era menor que na anterior. Finalmente, mergulhou no recipiente cheio de água a coroa em questão e constatou que o volume de água recolhido tinha um valor intermediário entre os dois recolhidos antes. Ficou assim evidenciado que a coroa não era realmente de ouro puro.

“Essa história me serve para trabalhar, entre outros conceitos, a idéia de comparação de uma incógnita com outra, de exercitar este pensar com os alunos, de que um único resultado tem que satisfazer a duas questões, o que é imprescindível para entender um sistema de equação”, explica Tânia.

A lenda de Arquimedes e tantas outras utilizadas pela professora ajudam os alunos a entenderem os conceitos, mas, mais do que isso, contribuem muito para desmistificar a idéia de que matemática é um bicho-papão. Muitas narrativas que contam a história da matemática – a vida de matemáticos célebres e seus inventos, por exemplo – lhe servem para contextualizar os conteúdos que irá ensinar e também para mostrar que muitas vezes alguns conceitos matemáticos surgiram de um problema real do dia-a-dia. Assim, ela acredita, seus alunos conseguem entender para que serve o que estão estudando e a sua aplicação prática.

Os fios que ligam a matemática às narrativas estão presentes na rotina dos alunos da professora Tânia e também na obra de um matemático brasileiro, professor da Universidade de São Paulo (USP). Quem dá a dica é Gustavo Bernardo, da Uerj: “Nilson Machado diz que a matemática foi criada apenas para simplificar a vida, mas é vivida como um complicador. Para ele, só aprende matemática quem aprende a colocá-la em português: em vez de usar heróis, usar X; em vez de usar antagonistas, usar o sinal de diferente; em vez de usar o personagem secundário, usar o quociente...”.

Esta e outras histórias

Todos os anos, a presidência da MULTIRIO, após ampla discussão com as várias equipes da empresa, define um tema que norteará a produção de reportagens da revista NÓS DA ESCOLA e do Portal, bem como dos programas de TV. É o que chamamos de linha editorial. Em 2006, o tema escolhido foi ludicidade. Em 10 edições da revista – apenas uma, a dedicada à Copa do Mundo, em junho, não tratou do assunto –, abordamos o conceito, sempre relacionando-o a um outro tema caro à escola. Assim, tivemos matérias sobre ludicidade e espaço; ludicidade e indústria do lazer; ludicidade e imagem; ludicidade e escola, entre outros.

Este ano, a linha editorial é sobre narrativas. A explicação para se tratar deste tema, você encontra ao longo desta reportagem. De qualquer forma, nossa intenção é fazer a defesa das histórias, sejam elas orais ou não, reais ou inventadas, contadas em livros por célebres escritores ou nas redações e em sala de aula por alunos e seus professores.

Depois desta matéria introdutória, nas próximas 10 edições de NÓS DA ESCOLA faremos uma abordagem mais detalhada do conceito de narrativas, ou seja, iremos esmiuçar as características e curiosidades desta velha arte que é contar histórias.

Em março, nosso olhar se voltará para as especificidades da literatura infanto-juvenil. Vamos reforçar que, apesar de as narrativas voltadas para crianças e jovens já terem sido encaradas como uma forma “banal” de contar histórias, hoje elas ocupam um lugar nobre nas prateleiras de bibliotecas e livrarias de todo o mundo. Em seguida, vamos tratar das narrativas visuais, expressas nas imagens de fotografias, nas pinturas e outras artes visuais; depois, dar um mergulho nas narrativas históricas, que figuram em documentos, textos acadêmicos e outros; mais à frente, a nossa pauta será a mídia e aí vamos nos debruçar sobre as narrativas jornalísticas, da televisão, a cinematográfica e a dos meios digitais. Há outras pautas definidas que você poderá ler, da mesma forma que estas, nas nossas matérias de capa, ao longo de todo este ano.

Só não trataremos das narrativas na edição de junho, mas, assim como fizemos na Copa de 2006, traremos a vocês as muitas histórias relacionadas aos Jogos Pan-americanos, que acontecerão em julho em nossa cidade. Não percam esta nem as outras edições!

para criar tramas costuradas por narradores que investigam, perambulam e penetram em um espaço ao qual leitores não têm acesso; por personagens, informações, opiniões pessoais, diálogos e uma série de outros recursos que resultam em uma narrativa muito mais literária do que jornalística, em que realidade e ficção se confundem o tempo inteiro e em que a opinião do repórter aparece com frequência.

Tom Wolfe escreveu artigos maravilhosos em que a ambigüidade está sempre presente. Em um deles, “The girl of the year”, publicado em 1965, o jornalista investiga os bastidores de um concurso de beleza em Nova York, que tem como pano de fundo um show dos Rolling Stones. O fragmento que reproduzo a seguir, retirado do livro *Textuações: ficção e fato no novo jornalismo de Tom Wolfe*, de Fernando Resende, mostra bem como o jornalista passeia entre o seu ponto de vista e o de seus personagens – no caso, Baby Jane, uma candidata ao concurso:

“‘Não são supermaravilhosas!’, diz Baby Jane, e então: ‘Ei Isabel!, Isabel! Vamos ficar lá atrás do palco – com os Stones!’”. O show ainda nem começou, os Rolling Stones nem estão no palco, o lugar está envolto em uma obscuridade suja e poeirenta, e esses brotinhos apaixonantes”.

É objetivo de Wolfe recriar a notícia e possibilitar novas leituras e significados. “A notícia, em seu texto, não se limita ao fato em si, ela transcende o ocorrido, vai além do personagem que lhe é central e é marcada por uma variedade de pontos de vista (...)”, observa Resende, que é professor do curso de comunicação da PUC-Rio, onde desenvolve pesquisas na área de narrativas impressas.

A possibilidade de muitas leituras e a variedade de significados é o que de maior uma narrativa pode oferecer ao leitor. “A melhor narrativa é aquela em que pessoas diferentes percebem diferentes significados”, aponta Gustavo Bernardo. Daí a imortalidade dos textos clássicos da literatura, terreno fértil da imaginação e da criação, que estabelece com a realidade uma relação diferente da do jornalismo e do discurso científico.

Se as narrativas jornalísticas, científicas e históricas são legitimadas a partir de uma



Para Bernardo, a melhor narrativa é aquela que suscita várias leituras

verdade – as histórias válidas, pois nestes casos são as que correspondem a um fato real –, a narrativa literária pouco se importa com a verdade. Nos livros, o leitor já sabe de antemão que o que está sendo dito não é real. Machado de Assis começa *Memórias póstumas de Brás Cubas* avisando que o narrador é um morto e isso não invalida a sua obra de forma alguma, só nos aguça a curiosidade. No terreno da literatura, as regras para tornar uma história mais legítima não dependem de nenhuma verdade anterior. “A tentativa de se aproximar da verdade é que é o perigo na literatura, que deve ter o compromisso com a sensação de verdade, não com a verdade objetiva”, opina Gustavo Bernardo.

O caráter ficcional faz da literatura o único discurso a ser encarado por muitos historiadores e cientistas como narrativo. Essa questão, no entanto, não é consenso entre os especialistas. Muitos acreditam que a narrativa está presente em outros discursos que têm em comum elementos que lhes possibilitam contar uma história.

Ou seja, apresentam um fato, que ocorre em um determinado tempo ou lugar, com a atuação de um ou mais personagens. O *Dicionário de termos literários*, de Massaud Moisés, apresenta a narrativa como “a realização estética própria do gênero narrativo literário”. Ele explica, porém, que ela não aparece apenas em textos da literatura ou do jornalismo, mas “em trabalhos técnicos, sob a forma de relatórios, atas, prestações de contas e tantos outros documentos redigidos no dia-a-dia das instituições”.

Histórias cotidianas – A narrativa está fortemente presente na escola e não apenas pela literatura, mas pelas histórias de milhares de alunos e professores. Ninguém deve ter dúvidas de que o exercício de contar e ouvir histórias tem importância capital no processo de constituição dos sujeitos. As narrativas têm poder transformador porque nos fazem entrar em contato com questões essenciais da vida. Seja pela técnica ou pela sensibilidade de ►



SAIBA MAIS

Livros

- MACHADO, Ana Maria. *Texturas, sobre leituras e escritos*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2001.
- RESENDE, Antônio Fernando. *Textuações: ficção e fato no novo jornalismo de Tom Wolfe*. São Paulo, Annablume/Fapesp, 2002.
- BENJAMIM, Walter. "O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov". In: *Obras escolhidas – Magia e técnica, arte e política*. São Paulo, Brasiliense, v. 1.
- KRAUSE, Gustavo Bernardo. *A ficção cética*. São Paulo, Annablume, 2004.

Videos da MULTIRIO

- *Final feliz para a pequena vendedora de fósforos*
- *Séries Juro que Vi e Carta Animada pela Paz*

quem narrou, oralmente ou não, o fato é que nos identificamos com personagens e com situações narradas, e assim articulamos sentidos para as nossas histórias pessoais.

Quando em sala de aula um aluno conta uma história, seja ela pessoal ou não, é importante escutar. O professor e os colegas podem intervir ajudando a identificar o que falta à narrativa, propor a inserção ou a exclusão de certos elementos, ressaltar algo importante e gerar alguma reflexão.

A rede de ensino da cidade do Rio de Janeiro reservou um dia do ano para uma maratona de histórias em todas as escolas. É um dia inteiro do mês de outubro. Mas não é preciso esperar até lá. "É importante que as escolas tenham liberdade para contar as suas próprias histórias. Nossa meta na Divisão de Mídia é uma história por dia", enfatiza a escritora Sônia Rosa, orientadora educacional da Escola Municipal Affonso Penna, localizada no bairro do Andaraí, Zona Norte da cidade, e membro da equipe da Divisão de Mídia e Educação (DME) da Secretaria Municipal de Educação.

Uma história por dia letivo multiplicado por todas as 1.058 escolas da Rede dá muito mais que as mil e uma histórias de Sherazhade³. Pode ser que um dia cheguemos lá, é o desejo de todos. Mas, enquanto isso, podemos tentar garantir que as narrativas de alunos e professores

que surjam pelo caminho sejam acolhidas pela escola. A escritora, que já publicou 21 livros de literatura infantil, acredita que ao acolher essas narrativas – "até porque todos têm sempre uma história para contar" – a escola ajuda a transformar a história de cada um: "A escola tem como função mudar a narrativa da história. Ganha a instituição que dá voz a seus alunos e professores e investe na relação de escuta e afeto. Ai chegamos a Paulo Freire. Na escola, as histórias narradas⁴ precisam ser valorizadas no trabalho pedagógico cotidiano, devem tomar vida nos projetos político-pedagógicos, nos registros, na sala de leitura. A nossa Rede é enorme, tem histórias felizes e outras nem tanto e, exatamente por esta diversidade, é riquíssima." ■

³A heroína de *As mil e uma noites* consegue driblar a morte e seduzir um tirano pelo poder da narração. Casada com um rei acostumado a matar as esposas em noite de núpcias, sua pena de morte é adiada graças à curiosidade do noivo em saber o desfecho das histórias contadas pela princesa. Ele poupa a sua vida por mil e uma noites, até que se vê apaixonado e a transforma definitivamente em rainha.

⁴As histórias estão nas ruas, nos campos de futebol, nos bailes e nos ônibus. É claro que elas também vão à escola com seus professores e alunos, com suas famílias e funcionários, mas precisam de circunstâncias favoráveis para serem contadas e ouvidas.

Alguns conceitos sobre o ato de narrar

MARIANGELA RIOS DE OLIVEIRA*

Vamos partir de uma pergunta inicial: O que é uma narrativa? Para que um texto seja considerado como tal, deve apresentar determinados elementos. Assim, na produção e na recepção de histórias, está presente um narrador, que conta um fato ou acontecimento em que atuam determinados personagens, num tempo e num espaço específicos. A esse aspecto de transformação, de dinamismo, de mudança de estado provocado pelo fato relatado, dá-se o nome de narratividade.

Narrar é próprio da condição humana e uma das formas mais primárias e elementares de expressão verbal. Trata-se de uma atividade atávica, relativa aos primórdios da humanidade, cuja origem remonta aos rituais do homem pré-histórico. Entre as evidências constantes desse caráter inaugural da narrativa, está o fato de que, a partir de pouca idade, as crianças são capazes de produzir suas histórias com competência e desenvoltura, demonstrando também muito interesse por outros relatos que lhes são apresentados.

Entre narrador e ouvinte, não raramente, instaura-se um certo tipo de pacto de sedução e de prazer, em que ambos reelaboram e recriam a história contada/ouvida ou lida. Nessa perspectiva, a tarefa de produção e de recepção de narrativas está diretamente ligada à questão da leitura e do jogo, ao plano dos sentidos em constante atualização e negociação. Dependendo das estratégias comunicativas do narrador, das condições de recepção do ouvinte/leitor, do momento e do local em que se faz o relato, entre outros fatores, podem ser articulados ou construídos sentidos mais ou menos distintos.

Existem clássicas e modernas formas de narrar, uma vez que criar e ouvir relatos é, como dissemos, atividade humana das mais antigas. Desde tempos remotos, o homem vê o mundo e o codifica expressivamente através de histórias, o que pode ser constatado tanto em inúmeros relatos religiosos, como os bíblicos, quanto em contos maravilhosos, como *As mil e uma noites*, e em diversas outras fontes. Mesmo nas chamadas sociedades *ágrafas*, em que não há língua escrita, as tradições, os mitos, as lendas e todo o legado histórico sempre foram repassados às novas gerações por meio de relatos orais, principalmente dos mais velhos e experientes cidadãos.

No contexto das sociedades modernas, no trato cotidiano, por intermédio de conversas informais, ligações telefônicas, orientações sobre procedimentos, exposição de argumentos, entre outras manifestações lingüísticas, estamos em constante elaboração de narrativas, como

se fosse nosso modo natural de comunicação. Contamos histórias para convencer, para enfatizar, para comprovar, para seduzir, para exemplificar, para burlar, para distrair, para divertir e emocionar, enfim, a narratividade é uma marca constante em nossa vida.

Por outro lado, mantemos ainda o caráter lúdico e literário dessa marca. Assim, são comuns as chamadas rodas de leitura ou sessões de contação de histórias, voltadas para um público bastante diversificado, que passa por todas as faixas etárias e classes sociais. Ainda no plano literário, os romances e os contos, em suas distintas variedades, as biografias, autorizadas ou não, e boa parte das músicas populares e das peças teatrais são exemplos da constante e efetiva presença da narratividade em sua dimensão artística.

Paralelamente aos relatos tradicionais, ficcionais ou não, encontram-se nos tempos atuais, marcados pela narratividade, os textos jornalísticos, como notícias e crônicas, as histórias em quadrinhos, as telenovelas e os telejornais, as matérias esportivas, as produções cinematográficas, entre outras expressões.

Hoje, em pleno século XXI, como podemos ainda atualizar a narratividade? De que novas maneiras nós, cidadãos do novo milênio, elaboramos e recebemos histórias? Na verdade, o que temos feito é redimensionar esse comportamento, adaptando-o às mais recentes tecnologias e formas de trato social, sem perder os traços constitutivos essenciais do contar e do ouvir/ler histórias. Desta forma, a narratividade está presente em outras formas de expressão, invadindo contextos midiáticos mais recentes, como os videocliques, os jogos eletrônicos, as peças publicitárias, os materiais da internet – textos, hipertextos, *sites*, blogues, etc.

Enfim, os tempos mudam, os modos de interação social se modificam, a tecnologia e a ciência se expandem, os meios de comunicação transformam-se em prol da rapidez e da eficiência, mas ainda mantemos traços indelévels de nossa condição humana original. Um desses traços, sem dúvida, é a narratividade, essa capacidade de produzir, ouvir ou ler histórias que nos acompanha, ao longo dos tempos, nas mais variadas formas de expressão lingüística. Enquanto formos capazes de perpetuar essa característica, estaremos mantendo e preservando nossa humanidade, atando passado, presente e futuro na constituição de nossa trajetória histórica.

*Doutora em Língua Portuguesa e coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal Fluminense (UFF).

Cotas: solução ou paliativo?

Projeto de lei em tramitação no Congresso Nacional divide a opinião de especialistas no assunto

TEXTO

FABIO ARANHA

ILUSTRAÇÃO

ALINE CARNEIRO

FOTOS

ALBERTO JACOB FILHO

A questão das cotas raciais para o ingresso nas universidades públicas do país está na ordem do dia. Tramita no Congresso Nacional o projeto de lei nº 73/99, já aprovado na Comissão de Constituição e Justiça da Câmara dos Deputados, que regulamenta a adoção de cotas para alunos negros e originários de escolas públicas no vestibular de todas as universidades federais. O projeto estabelece que a porcentagem de vagas reservada aos negros deve ser equivalente à representatividade racial e étnica da região onde está localizada cada universidade.

Muitas instituições de ensino superior federais já adotam algum tipo de incentivo ao ingresso de alunos negros e de escolas públicas, que vão desde a adição de pontos à nota do candidato no vestibular até à reserva de vagas propriamente dita. O mesmo vale para as universidades estaduais. No Rio, desde 2002, a Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e a Universidade Estadual do Norte-Fluminense (Uenf) adotam, por força de lei estadual, cotas para os dois grupos em seu sistema de ingresso. Caso o projeto seja aprovado na Câmara e no Senado, todas as instituições federais de ensino superior serão obrigadas a adotar o sistema previsto na legislação.

Construção social – O professor da Faculdade de Antropologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) Peter Fry considera perigosa a entrada do governo na classificação racial. Em sua opinião, é impossível dividir a população brasileira em duas cores, como pretende a lei das cotas em tramitação no Congresso.

“Uma das grandes conquistas da minha disciplina [a antropologia], no início do século XX, foi estabelecer que a idéia de raça é uma construção social e histórica nociva, que teve conseqüências desastrosas. A minha luta não é somente contra o racismo, mas também contra os seus pressupostos, ou seja, qualquer relação que se tente estabelecer entre a aparência das pessoas e a sua condição moral, intelectual etc. Os avanços da genética contemporânea mostram

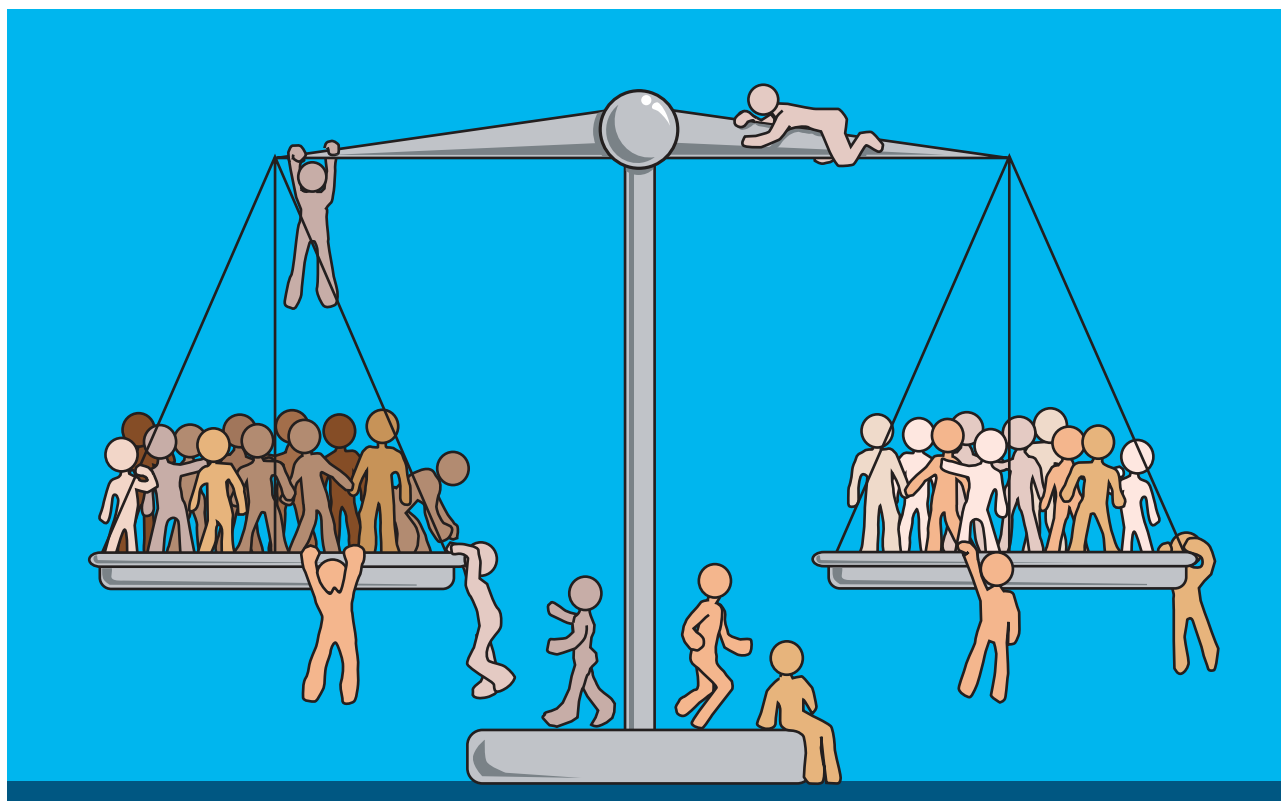
que a aparência das pessoas nada diz sobre o seu genótipo”, ressalta o antropólogo.

Ele critica principalmente o sistema adotado pela Universidade de Brasília (UNB) e por algumas outras instituições de ensino, onde uma comissão determina – através da análise dos traços físicos da foto submetida – se os candidatos inscritos para concorrer às vagas estabelecidas pelas cotas raciais podem realmente ser considerados como negros ou pardos e disputá-las. “Se você analisar uma escola pública do Rio, é muito difícil dividir uma turma em duas categorias raciais apenas. O que essas comissões fazem é algo completamente subjetivo”, comenta.

Fry acrescenta que quando o Estado obriga cidadãos a se declararem como de uma raça ou outra e distribui bens públicos de acordo com essa distinção, fica claro para as pessoas que raças realmente existem, enfraquecendo as noções de semelhança, igualdade e cidadania.

Minimizar a desigualdade – Já o professor Pablo Gentili, coordenador do Programa de Políticas da Cor na Educação Brasileira do Laboratório de Políticas Públicas (LPP), da Uerj, afirma que a sociedade já discrimina as pessoas com base na cor e que isso pode ser verificado em várias instâncias, como no mercado de trabalho, pois negros ganham salários menores e a taxa de desemprego entre eles é maior, e também na educação, uma vez que a taxa de analfabetismo é maior entre negros do que entre brancos. “Isso também pode ser visto no vestibular, que premia os brancos e pune os negros. Se você analisar os cursos mais disputados, como medicina, odontologia e direito, há pouquíssimos negros”, afirma.

Em sua opinião, as cotas são um componente fundamental de uma política pública que pode minimizar os efeitos da desigualdade social e educacional no Brasil. “As cotas promovem a democratização das oportunidades de acesso às universidades públicas. Mas, além delas, também são necessárias políticas de permanência na universidade que permitam que estudantes



geralmente excluídos do acesso ao ensino superior público possam se formar nas mesmas condições que os demais estudantes”, ressalta. Ele argumenta ainda que as cotas são uma forma de aumentar a diversidade nas instituições públicas de ensino superior. “Elas melhoram a qualidade social das nossas universidades e as tornam instituições mais democráticas”, conclui Gentili.

O presidente do Conselho Municipal de Defesa dos Direitos do Negro (Comdedine), Hélio dos Santos, afirma que as cotas raciais se justificam em função do genocídio cultural e dos 350 anos de discriminação contra o negro que o excluíram da sociedade brasileira. “No passado, houve leis que impediam o negro de estudar. Ele está fora da universidade brasileira por causa do racismo. É preciso que haja uma compensação. Trata-se de uma questão de equidade”, enfatiza.

Hélio defende cotas raciais não só para o ingresso nas universidades públicas, mas também para as escolas técnicas e para o serviço público. O importante, em sua opinião, é caminhar para uma política de reparação global. “Não houve oposição quando criaram cotas para mulheres nas candidaturas a cargos políticos nem quando elas foram criadas para deficientes físicos. Mas quando chegou a vez do negro, houve oposição. Por que será?”.

Ensino básico – Para o cientista político Simon Schwartzman, presidente do Instituto de Estudos do Trabalho e Sociedade (Iets), a explicação para a dificuldade de acesso dos negros ao ensino superior não é a cor e sim a condição socioeconômica, pois eles tendem a ser mais pobres que os brancos. “Na educação brasileira, há uma relação muito forte entre o desempenho do aluno e a condição socioeconômica de sua família. Uma política social de educação que atenda à população de baixa renda contempla as pessoas pardas ou negras”, frisa.

Segundo ele a desigualdade na educação está no ensino básico e não no superior. “O grande problema das classes sociais mais pobres é que a maioria não chega a completar nem a educação básica. Um pequeno número de pessoas completa o ensino médio e muitos terminam quase analfabetos. O ensino tem muito que melhorar. Querer colocar todo o mundo dentro da universidade é transferir o problema mais para a frente. Além disso, não adianta criar cotas ou qualquer outra iniciativa sem uma política dentro da universidade para garantir que esses alunos saiam de lá bem formados”, destaca.

Pablo Gentili argumenta que a melhoria do ensino público é necessária, mas existe um grande contingente de jovens que estão em situação de desigualdade hoje e que não podem esperar para que isso aconteça. “Enquanto ►

mudamos as causas da desigualdade, precisamos de políticas que gerem igualdade. As cotas são uma solução provisória. Os desafios são urgentes e precisam ser resolvidos de forma simultânea”.

Hélio dos Santos tem ponto de vista semelhante e afirma que o problema no ensino básico é o mesmo há muito tempo e não vê mudanças significativas. Por isso, ele não poderia ser usado como argumento contra as cotas. “Não acho que o sistema de cotas vá resolver tudo, pois a maioria dos negros nem termina o ensino básico. Mas algo precisa ser feito quanto à exclusão do negro às oportunidades”, complementa.

Contra a discriminação – Peter Fry ressalta que existem pessoas de diferentes raças vivendo nas mesmas condições sociais e que não se pode discriminá-las. “Você chega em certos lugares da cidade e vê pessoas de todas as cores que convivem no mesmo espaço econômico, territorial, social. Eu não teria coragem de dizer para alguns que eles têm mais chance de entrar na universidade do que outros por causa da cor. Em princípio, você poderia até dividir famílias”, diz.

Simon Schwartzman concorda, quando afirma que ao se discriminar a favor dos negros também se está discriminando contra outros grupos, como os brancos pobres, que sofrem das mesmas dificuldades de acesso à universidade. “Não se pode fazer política social baseada em culpa. Nós já temos um problema grande de pobreza, desigualdade e más condições de trabalho. Temos que lidar com isso, mas não em termos de culpa”, comenta o sociólogo.

Pablo Gentili afirma que o projeto atualmente tramitando na Câmara dos Deputados contempla as camadas sociais mais pobres ao favorecer os alunos das escolas públicas e estabelecer como requisito uma representatividade racial e étnica equivalente à região onde se situa a universidade. “Trata-se de uma proposta que combina critérios sociais, raciais e étnicos”, frisa. Outra questão polêmica é o critério do mérito para o acesso ao ensino superior público. Os defensores das cotas reclamam que o vestibular não é uma forma justa de avaliação.

Para Gentili, o conceito de mérito esconde a desigualdade social. “É preciso julgar o mé-

rito entre iguais. O vestibular está longe de ser uma prova equânime que classifica os alunos segundo a sua inteligência. Ele trata como iguais sujeitos com experiências sociais, culturais e socioeconômicas diferentes. Os pobres não passam no vestibular porque sempre tiveram poucas oportunidades, não estudaram em bons colégios ou cursos. Políticas públicas de reparação dessas injustiças são um imperativo ético numa democracia efetiva”, explica.

Hélio dos Santos também critica o vestibular. “O exame não avalia o saber de ninguém. Quem passa é treinado para estudar aquelas disciplinas e aquele tipo de prova. O vestibular teria que ser adaptado aos diferentes universos dos alunos. Além disso, os candidatos que passaram nas vagas reservadas tiveram que obter uma nota mínima, por isso também tiveram mérito”, ressalta e destaca o bom resultado da aplicação do sistema de cotas: “Na UNB, por exemplo, a evasão é menor entre os cotistas”.

Já Simon Schwartzman afirma que o critério do mérito é fundamental. “O sistema educacional inteiro é baseado no desempenho, desde o início até o final. Não se pode ter um sistema educacional de qualidade que não valorize o desempenho. Isso não existe em nenhum lugar do mundo. Se não há necessidade de mérito para entrar na universidade através do vestibular, então também não deveria haver para passar de ano e ter diploma. É o mesmo raciocínio”.

E acrescenta: “O sistema de educação brasileiro tem que ensinar os conhecimentos da sociedade moderna. Para exercer a profissão de médico, por exemplo, todos têm que aprender química, biologia, a língua culta do país e inglês. Não existe uma medicina branca e outra negra, que requeiram conhecimentos diferentes. Quem não aprendeu precisa ser apoiado. Você pode fazer processos de seleção mais inteligentes, mas o critério do mérito é essencial”.

Avaliação objetiva – Peter Fry ressalta que, apesar das imperfeições, o vestibular é uma avaliação objetiva que não mede a cor das pessoas e que há outras soluções para o ingresso na universidade que não incluam cotas. “Reconheço que pessoas muito pobres, que vão para escolas não tão boas e não têm condições de pagar pré-vestibulares estão em desvantagem.

SAIBA MAIS

Livros

- FRY, Peter. *A persistência da raça: ensaios antropológicos sobre o Brasil e a África Austral*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2005.
- KAMEL, Ali. *Não somos racistas – uma reação aos que querem nos transformar numa nação bicolor*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2006.
- PAIXÃO, Marcelo. *Manifesto anti-racista: idéias em prol de uma utopia chamada Brasil*. Rio de Janeiro: DP&A; LPP/Uerj, 2006.
- SANTOS, Renato Emerson dos & LOBATO, Fátima (orgs.). *Políticas públicas contra as desigualdades raciais*. DP&A; LPP/Uerj, 2003.
- SCHWARTZMAN, Simon & BROCK, Colin (orgs.). *Os desafios da educação no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

Páginas na internet

- Programa Políticas da Cor na Educação Brasileira: <http://www.politicasdacor.net>
- Simon Schwartzman: <http://www.schwartzman.org.br/simon>

Mas, além da medida óbvia, que seria melhorar a qualidade das escolas públicas, há outras que o Estado pode tomar para solucionar esse problema, como implantar cursos pré-vestibulares populares e oferecer as boas escolas públicas em locais mais pobres”.

Simon Schwartzman faz coro e afirma que as próprias universidades poderiam montar cursos de formação de alunos em certas regiões para melhorar o ensino médio local e preparar estudantes para o vestibular: “Os problemas do ensino superior não serão resolvidos com

cotas. Você tem um sistema de qualidade desigual, pequeno e caro. O ideal seria um sistema maior, mais diferenciado, com cursos técnicos, de curta duração, mais completos, com maior possibilidade de acesso. Se o sistema universitário fosse mais eficiente, você poderia, com o mesmo dinheiro, atender a muito mais gente”. Você não precisa de cotas para melhorar a participação de negros no ensino superior, mas precisa melhorar o próprio ensino superior. A questão da cota deveria ser a última prioridade, pois o problema não está aí”, observa. ■

Zoom Você é contra ou a favor das cotas raciais?

A criação de cotas raciais para acesso à universidade pública é parte de um debate acalorado que está longe de terminar. Há consenso de que as camadas mais pobres, que incluem a maior parte da população negra, têm menos

oportunidades. Entretanto, a forma de fazer chegar esse contingente de brasileiros ao ensino superior é que a grande questão. NÓS DA ESCOLA foi às ruas para saber o que pensa o carioca a respeito do sistema de cotas.



Sabrina Serafim • comerciária

– Sou contra. É preciso investir no ensino básico, desde a educação infantil até o ensino médio, para que todos possam concorrer às vagas do vestibular em igualdade de condições aos demais candidatos. Assim é mais justo.



Luciana Cunha • turismóloga

– Essa medida não resolve o problema. O governo tem que dar as condições para que os negros possam competir de forma igual com os brancos. Com as cotas, você cria uma separação ainda maior. Além disso, muitos alunos vão chegar à faculdade sem o preparo adequado. É uma medida muito mais política do que uma tentativa de resolver um problema social.

Aline Assunção • psicóloga

– Como solução provisória, sou a favor, já que ajuda a trazer a população mais pobre à universidade. A longo prazo, no entanto, o ideal é fazer o que todo o mundo já sabe: investir na educação de base. Mas como isso é um processo demorado, as cotas podem ser eficazes como medida paliativa.



Elezandro Teixeira • comerciante

– Sou a favor das cotas, porque dão oportunidade aos menos favorecidos para vencer a barreira social. O vestibular não é uma forma de avaliação justa. Já o Enem [Exame Nacional do Ensino Médio] eu acho melhor porque com o somatório das notas o aluno pode se sair bem na avaliação e não ficar restrito a apenas uma prova.

Menina em corpo de mulher

Menstruação e puberdade precoce são temas a ser abordados com cuidado por pais e professores

TEXTO

CAROLINA BESSA

ILUSTRAÇÃO

ESCULTURA DE GUSTAVO CADAR

FOTOGRAFADA POR ALBERTO

JACOB FILHO

Todo mundo se lembra do comercial de uma marca de lingerie que celebrou a frase “o primeiro sutiã, a gente nunca esquece”, estrelado pela atriz Patrícia Luchesi. A menina ruiva, na época com 11 anos de idade, escondia das colegas, no vestiário do colégio, que havia chegado à puberdade. Depois, ao ganhar o primeiro sutiã, passou a sentir orgulho das mudanças do corpo. Não é raro a chegada à adolescência ser marcada por um misto de vergonha e prazer. Essa confusão de sentimentos acontece quando as meninas ficam menstruadas pela primeira vez. É uma fase em que elas ainda têm *cabeça* de criança, mas vêem o corpo da noite para o dia se transformar no de uma mulher.

Com o passar dos anos, essa transformação vem acontecendo cada vez mais cedo. Antes era comum uma menina ficar menstruada aos 11 ou 12 anos. Hoje isso ocorre com frequência aos nove ou aos 10. As causas são muitas e vão desde a crescente erotização da cultura ditada pela indústria da moda, passando por programas e comerciais de TV que apelam para a sexualidade, até mudanças nos hábitos alimentares.

Na avaliação da psicopedagoga e psicanalista Cybelle Weinberg, a sociedade valoriza a adolescência e isso faz com que as crianças queiram crescer antes do tempo e os adultos busquem a juventude eterna. “Existe um desejo muito intenso de virar adolescente. Há uma pressão da moda para isso. Quando meninas de seis ou sete anos compram sapatos de salto, na verdade vêem isso como brincar de ser gente grande. Só que quando acontece de menstruarem muito cedo passam a não enxergar mais a coisa como brincadeira. Ficam constrangidas, escondem até das melhores amigas que usam absorvente”, conta Cybelle, organizadora e autora de livros sobre adolescência, como *Geração delivery*¹.

Além do desconforto com o próprio corpo, o incômodo com a menstruação muitas vezes

é alimentado pela mãe ou por parentes próximas. Algumas meninas passam a ter nojo do sangramento, outras o consideram ruim, sem falar da tensão pré-menstrual, motivo suficiente para justificar qualquer mau-humor. Na avaliação da psicanalista e professora do Instituto de Psicologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Lulli Milman, as meninas precisam ter orgulho da sua condição feminina. Para isso, é preciso que as mães tenham “conversas delicadas” com elas sobre esse período da vida.

Universo feminino – “Muitas mães tratam as meninas como se estivessem caindo em um mundo de desgraça quando menstruam. Na verdade, estão ingressando no universo feminino. Não se trata, entretanto, de fazer festa ou de dar presentes porque a filha menstruou. É preciso ter cuidado para que a menina não interprete o mimo como consentimento para se iniciar sexualmente ou até mesmo engravidar. Ela ainda não está pronta, pois seu corpo está em fase de formação”, alerta Lulli.

A endocrinologista e membro do Departamento de Endocrinologia Feminina da Sociedade Brasileira de Endocrinologia e Metabologia Ruth Clapauch explica que a partir dos 10 anos é normal a menina ter a primeira menstruação. Mas é o último evento da puberdade. Antes disso, geralmente dois anos antes, as mamas se desenvolvem e aparecem pelos no púbis e nas axilas. A puberdade só é considerada precoce quando os primeiros sinais dessa fase chegam antes dos sete anos. “Quando acontece muito cedo, ela [a puberdade] interfere no crescimento da criança e a consequência é a baixa estatura na fase adulta. Outro ponto importante é a divergência entre corpo e *cabeça*. É uma fase em que as meninas ainda são muito infantis”, explica a médica.

A professora Lulli Milman alerta a pais e educadores que é preciso ter muito cuidado na abordagem da puberdade precoce. As meninas ainda conservam hábitos de criança

¹Livro publicado pela Sá Editora, de São Paulo. Mais informações no endereço: www.saeditora.com.br/catalogo.htm

e se expõem a situações com as quais não sabem como lidar, como, por exemplo, o assédio masculino. Ao passar na rua, poderão ser notadas como mulheres, mas na verdade ainda não estão preparadas para exercer esse papel. “A família deve conversar com a menina para que ela possa lidar com isso”, explica Lulli. Além disso, os pais não devem cobrar postura de adulta quando a menina tem vontade de brincar como criança. É preciso deixá-la livre para amadurecer naturalmente, sem cobranças ou represálias.

Na avaliação de Ruth Clapauch, as famílias devem estar atentas ao desenvolvimento sexual das meninas. Se elas menstruarem e os seios não tiverem começado a se desenvolver, ou se elas não tiverem um mínimo de pêlos no corpo, é preciso pedir ajuda. “Se existir um sangramento isolado, é importante procurar auxílio médico para a causa ser investigada. Pode haver diversos motivos, desde um problema ginecológico até, em casos mais extremos, a criança ter sido vítima de abuso sexual”, justifica ela.

Obesidade e puberdade – O fenômeno da puberdade precoce feminina vem sendo pesquisado por especialistas em todo o mundo e o aumento da obesidade infantil é apontado como possível causa. Mais numerosas nas crianças obesas, as células de gordura produzem um hormônio chamado leptina, que pode acelerar a chegada da puberdade. Pesquisas recentes com leptina aplicada em animais de laboratório revelaram o amadurecimento de seus órgãos sexuais antes do tempo.

Mas há outros fatores que podem explicar a mudança. Muitos produtores rurais passaram a utilizar hormônios como o estrogênio para engordar bois e aves, e conseqüentemente auferir mais lucros. Com isso as carnes desses animais e produtos derivados passaram a incluir a substância na sua composição. O mesmo se pode dizer das verduras com agrotóxicos. A boa notícia é que práticas deste tipo vêm sendo coibidas pela legislação em vigor. Mas tanto na indústria de plásticos como na de pesticidas ainda são utilizadas substâncias químicas com hormônios como o estrogênio na sua composição. “Portanto, inalamos e ingerimos produtos químicos sem saber”, ressalta a endocrinologista.



Outra causa possível da puberdade precoce é a erotização do cotidiano que se reflete na programação das emissoras de televisão, atingindo principalmente as crianças que ficam muito tempo em frente à TV, já que os pais precisam trabalhar fora. Não é raro essas crianças assistirem a comerciais com mulheres ►

seminuas, cenas de sexo nas novelas, ou até mesmo coreografias sensuais em programas de auditório. Se não houver uma vigilância eficaz, é possível até que os pequeninos visitem *sítes* pornográficos na internet. A visão de cenas desse tipo estimula a região do cérebro chamada de hipotálamo a enviar mensagens para a glândula conhecida como hipófise, “ordenando” o início da fabricação de hormônios responsáveis pela menstruação.

Para evitar a chegada precoce da puberdade, contudo, médicos estão indicando remédios conhecidos como bloqueadores análogos de GnRH, que servem para estancar o processo. A criança mantém as características que já desenvolveu, mas congela seu avanço até atingir a idade normal, para dali continuar harmonicamente o crescimento. De acordo com a endocrinologista, esse tipo de tratamento só é indicado quando o início da puberdade se dá antes dos sete anos, quando a família é de baixa estatura ou ainda quando a criança está imatura para acompanhar as mudanças do corpo. Mas só pode ser aplicado com acompanhamento médico rigoroso.

Entretanto, não cabe só à família a responsabilidade de quebrar o tabu sobre a primeira menstruação. A escola também pode dar a sua contribuição. A psicopedagoga Cybelle Weinberg observa que quando uma professora percebe mudanças de comportamento em suas alunas ela deve conversar individualmente com elas e tentar tranquilizá-las. E deve incluir os meninos na conversa, estimulando-os a serem cuidadosos, em vez de debochar das meninas. “Percebi que muitas professoras tinham dificuldade de falar sobre sexualidade. Algumas abordam apenas o aspecto biológico. Não ficam à vontade para falar do assunto como deve ser falado”, ressalta Cybelle.

Núcleo de adolescentes – A rede municipal de ensino tem um programa que pode auxiliar as meninas nos questionamentos em relação à primeira menstruação. Trata-se do Núcleo de Adolescentes Multiplicadores. Atualmente, existem 97 núcleos atendendo a 3 mil alunos. No Ciep Anita Malfatti, em Campo Grande, Zona Oeste da cidade, as irmãs e professoras Andréia e Adriana Pereira dos Santos orientam

28 jovens de 11 a 14 anos. Eles participam das atividades do Núcleo de Pré-Adolescentes Multiplicadores (NPAM) e depois passam aos colegas as informações através de apresentação de cartazes, murais ou peças teatrais.

O assunto menstruação é abordado através de dinâmicas de grupo, exibição de vídeos e livros que tratam de questões da adolescência. “Percebemos que as meninas ficam com vergonha. Eu tenho uma aluna que já tinha menstruado e a mãe nem sabia. Hoje temos casos de alunas que chegam à puberdade muito cedo. Eu mesma conheci uma que ficou menstruada aos oito anos. E é aí que entra o trabalho do nosso núcleo. É importante dar apoio a essas meninas, já que muitas não contam com esse tipo de informação em casa”, diz Andréa.

Quem pensa que os mitos sobre menstruação estão apenas no imaginário de nossas avós está enganado. A professora de educação física e coordenadora do Núcleo de Adolescentes da Escola Municipal Rosa da Fonseca, localizada na Vila Militar, Zona Oeste da cidade, Patrícia Nogueira, conta que muitas meninas ainda reproduzem idéias falsas em torno do assunto, do tipo “quem está menstruada não pode lavar a cabeça” ou “durante a menstruação não podem ser feitos exercícios físicos”. Segundo Patrícia, algumas alunas se recusam a participar de suas aulas, por ignorar que esse tipo de atividade é benéfico ao organismo, diminuindo até mesmo os incômodos de uma cólica menstrual. “Muitas meninas ficam sentindo dores e não verbalizam. Elas ficam encolhidas em um canto, mas nós podemos ajudá-las”, explica Patrícia. Com as vivências das suas aulas, ela esclarece importantes questões durante os encontros do núcleo formado por jovens de 12 anos em diante.

Segundo a articuladora dos Projetos de Extensão, Meio Ambiente e Saúde da Secretaria Municipal de Educação (SME), Márcia Vinchon, os professores interessados em coordenar os núcleos precisam fazer um curso de formação do Programa de Orientação Sexual e Prevenção ao Uso Indevido de Drogas, que é uma ação da Secretaria em conjunto com as Coordenadorias Regionais de Educação (CREs). Os interessados devem procurar no início do ano letivo a sua CRE ou obter informações pelo telefone: 2503-2291. ■

A cidade vista pela janela

Os alunos da Escola Municipal Juan Montalvo, de Jacarepaguá, zona Oeste da cidade, já sabem de cor onde serão realizados os Jogos Pan-americanos de 2007. Afinal, o Rio de Janeiro como sede do evento esportivo é assunto na tevê, nos jornais e na própria escola. Para muitos, no entanto, a cidade ainda não é um tema tão conhecido. Boa parte dos alunos nunca havia saído de Jacarepaguá e conhecia apenas de fotos paisagens como a orla e o centro da cidade e lugares célebres como o Maracanã e o Theatro Municipal. Pensando na importância de os alunos se apropriarem da cidade onde vivem e se sentirem parte dela, o professor de educação física José Luís da Silva Santos organizou uma aula-passeio sob o tema O Cidadão e a Paisagem da Cidade. “A gente quer que eles vivam o período do Pan, mas como, se mal conhecem a própria cidade? O espaço deles não é só a favela, a rua ou o bairro: é o mundo. Queremos que eles tomem posse da cidade onde vivem, conheçam pessoas, lugares e coisas novas, porque o conhecimento alimenta o sonho”, justifica o professor.

Aliando esporte a cidadania e trabalhando em conformidade com o projeto político-pedagógico da escola, Cidadania em Construção, José Luís organizou a aula-passeio com o cuidado de criar um trajeto que possibilitasse aos alunos descobrir o maior número possível de diferentes paisagens da cidade. O destino era o Pão de Açúcar, mas somente o trajeto já valeria o passeio. O roteiro foi elaborado pelo professor, que o passou ao motorista do ônibus para ter a garantia de que os alunos veriam lugares como o centro da cidade, o aterro do Flamengo, as praias da Urca, de Copacabana, Ipanema e Leblon e as avenidas Niemeyer, das Américas e Ayrton Senna.

O trabalho de preparação envolveu ainda o estudo de mapas, cartazes e folhetos explicativos de pontos turísticos da cidade, em conjunto com os alunos. Participaram duas turmas da professora Marilza Drummond, uma do período inicial e outra do período final do ciclo. Desde fevereiro, quando começou o planejamento da aula-passeio, as aulas de educação física em dias de chuva se transformaram em animadas



Depois do passeio, as crianças reproduziram em desenhos o que foi visto

conversas sobre o Rio de Janeiro. No dia do passeio, realizado em outubro, as crianças já dominavam uma série de informações novas, que puderam confirmar com os próprios olhos.

Conhecimento ampliado – Apesar das diferenças entre as duas turmas, a integração foi perfeita. A única diferença foi a ficha preparada por José Luís para avaliar o aproveitamento do trabalho. Para as crianças do primeiro ano do ciclo, ele criou uma ficha iconográfica, com imagens de lugares vistos durante o trajeto, como os Arcos da Lapa, a Biblioteca Nacional, a Central do Brasil e a Prefeitura do Rio de Janeiro. Para as crianças do ano final do ciclo, a ficha previa anotações sobre suas principais impressões. José Luís teve a idéia de fazer os alunos registrarem o passeio ao ler uma das edições passadas de NÓS DA ESCOLA. Num projeto desenvolvido em Paquetá, a professora havia levado os alunos para as ruas da ilha com lápis e papel nas mãos e todos descobriram novos ângulos do lugar onde viviam. “Queríamos que eles tivessem o maior aproveitamento possível do passeio. Além disso, é um material que ficará registrado para que outros colegas possam desenvolver trabalhos parecidos. O passeio é bom, reforça o vínculo afetivo com a escola, mas é preciso adquirir conhecimento. E os outros colegas precisam ter acesso a isso”, justifica José Luís. ►

TEXTO

RENATA PETROCELLI

FOTO

REPRODUÇÃO DE ALBERTO JACOB FILHO

O vínculo afetivo citado pelo professor foi um dos maiores ganhos do trabalho. José Luís ressalta que quatro mães convidadas a acompanhar o passeio desde então estão mais presentes na escola. “Todo mundo gosta de ser bem tratado. E se elas vêem que os filhos estão tendo uma oportunidade que elas não tinham condições de dar, ficam satisfeitas e passam a participar mais das atividades”, explica. A professora Marilza Drummond ressalta os resultados no cotidiano da sala de aula. “O comportamento deles melhorou muito. Todos ficaram satisfeitos. Fomos no mês do Dia das Crianças e muitos disseram que era o melhor presente que já tinham ganho”, destaca.

O interesse pelo ensino também ganhou novo ânimo depois do passeio, como ressalta José Luiz. “Nossa cidade é rica em paisagens e atrativos. O fato de as crianças terem visto alguns deles se reflete no ensino, porque, quando se fala em algo da história ou geografia da cidade, eles logo associam ao passeio”, conta. A escrita foi outra que saiu beneficiada. Depois do passeio, todos foram chamados a escrever uma redação. Dara de Andrade Machado, de nove anos, garante que foi a melhor redação que já fez. “É diferente das outras redações que a gente faz e eu tinha muitas recordações para contar”.

Com tudo planejado do início ao fim, os resultados ficaram bem próximos das expectativas que José Luís tinha ao propor a aula-passeio. Um único aspecto, ressaltado pelos próprios alunos durante o trajeto, ficou de fora dos pla-

Deu certo

- O planejamento do itinerário, que permitiu às crianças conhecer um grande número de paisagens da cidade;
- A felicidade das crianças em conhecer a cidade onde moram;
- A elaboração das fichas, que serviram para os alunos registrarem suas impressões e também para documentar o trabalho;
- A integração de duas turmas de anos diferentes do ciclo.

Poderia ser modificado

- Aspectos humanos e sociais da cidade poderiam ser abordados antes, durante e depois da aula-passeio;
- Depois do passeio, poderia ser dedicado mais tempo aos debates e à produção escrita em torno do que foi visto.

nos do professor, que já sabe como aprimorar a próxima edição do projeto. Em nenhum momento José Luís pensou em abordar aspectos sociais e humanos, mas os alunos observaram e comentaram sobre a grande quantidade de moradores de rua e sobre os prédios luxuosos da orla de Ipanema e Leblon, por exemplo. Da próxima vez, o planejamento já contará com mais um item. ■

Aula de descobertas

A aula-passeio é uma atividade que amplia as relações dos alunos com outras pessoas, espaços e culturas, que deve ser trabalhada de forma a não criar ruptura com o que se realiza em classe.

A prática educativa da aula-passeio deve ser desenvolvida em quatro etapas:

- **motivação** – surge a partir de uma conversa, um filme, uma visita, notícias de jornais e revistas, curiosidades...;
- **preparação** – nesta fase é fundamental pesquisar e conhecer o local a ser

visitado, o caminho, pontos de referência; estabelecer regras de comportamento e do local; discutir sobre as despesas com alimentação, transporte, subvenção e formas de arrecadação; produção de crachás etc.;

- **prolongamento** – registros, aprofundamento e exploração das questões observadas;
- **comunicação** – jornal escolar, álbuns, livro da vida, exposição, rádio escolar, peça de teatro.

Receita que reúne pais e filhos

A integração entre professor, alunos e pais é decisiva para o sucesso escolar. E a receita para essa aproximação se faz com uma pitada de talento, criatividade e dedicação. Este é o segredo da professora Christiane Penha, da Escola Municipal Cecília Meirelles, de Vila Kosmos, Zona Norte da cidade. Ela promove oficinas de culinária que ensinam pais de estudantes com necessidades especiais e alunos do Programa de Educação de Jovens e Adultos (Peja) a reaproveitar alimentos.

Iniciadas em 2006, as oficinas de Christiane devem prosseguir este ano. A última delas reuniu 15 participantes e foi especialmente dedicada à ceia de Natal. A professora trabalhou a preparação de pratos pouco usuais, como bolinho de talo de agrião, farofa de folha de couve-flor e geléias de cascas de banana e maracujá. Filha de portugueses e apreciadora da boa cozinha, Christiane demonstrou desembaraço no preparo das novidades. Muitos de seus alunos nem imaginavam que poderiam aproveitar as folhas das hortaliças ou os talos das verduras. “Muitas mães são elogiadas em casa por mudar os hábitos alimentares da família e aproveitar alimentos que iam para o lixo”, comenta a professora.

Além de ensinar a preparar os pratos, Christiane fez questão de mostrar a importância do consumo consciente. Como o tema das aulas foi a ceia de Natal, ela incentivou os alunos a consumirem frutas tropicais em vez das secas, que custam mais caro nessa época do ano. Como dever de casa, os alunos foram incumbidos de preparar um suco de casca de abacaxi. Todos receberam uma apostila com as receitas utilizadas no curso. Este ano, a professora quer fazer uma horta comunitária na escola. A idéia é aproveitar verduras e legumes na merenda dos alunos e nas aulas de culinária.

Trabalhando com turma de alunos especiais, Christiane acredita na importância da aproximação das famílias e há fatores que possibilitam essa união. Um deles é o fato de que tanto os pais de seus alunos com necessidades especiais como os estudantes do Peja estão dentro da mesma faixa etária e podem enriquecer seu dia-a-dia com a troca de experiências. “Na verdade, o que os aproxima é a noção de família. E nossas



Talos e cascas se transformam em ingredientes de saborosos pratos nas oficinas de Christiane

oficinas fazem com que as famílias se reúnam em volta da mesa. Em muitas culturas a culinária é um componente agregador”, acredita.

Histórias de superação – Outro ponto de convergência, na avaliação de Christiane, é o fato de que todas essas famílias perseguem o mesmo objetivo, que é o da superação. Muitas têm uma trajetória marcada por dificuldades e desafios. Enquanto no Peja jovens e adultos retomam os estudos interrompidos na infância por razões de subsistência familiar, no ensino especial cada dia representa um novo desafio.

A história de Severina Cordeiro, de 58 anos, resume o significado dessa luta. Nascida na Paraíba, ela teve de interromper os estudos aos nove anos para trabalhar como babá e aumentar a renda familiar. Com a alfabetização concluída, veio para o Rio e se empregou como doméstica. Mas voltou à escola, porque percebeu que o mercado de trabalho exigia mais qualificação. “As portas estão sempre fechadas para quem não tem estudo. Já tentei vaga na Comlurb [Companhia Municipal de Limpeza Urbana] e em um supermercado, mas não consegui. Agora, fiquei muito feliz com a chance de poder voltar a estudar”.

Aluna da oficina de Christiane, Severina tem ainda um ponto em comum com os outros ►

TEXTO

CAROLINA BESSA

FOTO

ALBERTO JACOB FILHO

SAIBA MAIS

O encarte *Giramundo* da edição n. 16 de NÓS DA ESCOLA aborda a reciclagem de alguns produtos e ensina como reaproveitar alimentos. Já o mesmo encarte da edição n. 25 tem dicas do Instituto Annes Dias sobre alimentação saudável.

participantes: a adoção de um filho com necessidades especiais.

Lições para a vida – A auxiliar de laboratório Sílvia Ferreira, mãe de duas alunas da educação especial, compartilhou com Severina as dicas da oficina de culinária. “Foi muito interessante aprender a reaproveitar alimentos. Agora vou ensinar minhas filhas a cortar os talos e a fazer a farofa”, diz Sílvia. As duas jovens, Débora, de 16 anos, e Bárbara, de 18, são alunas de Christiane. Para a mãe, elas estão se desenvolvendo bem no preparo dos alimentos e um dos diferenciais em relação a outras turmas é que estão sendo tratadas como adolescentes e não como crianças. A professora, que também é psicóloga, orienta os familiares sobre questões relacionadas à sexualidade, por exemplo.

O carinho demonstrado tanto com os alunos do Peja como com os portadores de necessidades especiais é o que faz Áurea Carmem Borges, de 52 anos, continuar os estudos na Cecília Meirelles. Aluna da quarta série do Programa, ela trabalha como faxineira em uma empresa. “Eu tenho dificuldades para escrever e por isso quero me aprimorar”, conta. Em casa, ela também tem talento na cozinha e diz que vai repassar tudo o que aprendeu na oficina de culinária para as suas duas noras. ■

Aproveitamento de alimentos

A orientação sobre alimentação saudável tem valor educacional inestimável e deve ser difundida não só entre professores e alunos como também para a comunidade no entorno das escolas. O Instituto Annes Dias (IAD) da Secretaria Municipal de Saúde (SMS) promove na terceira semana de maio de cada ano a Semana de Alimentação Escolar.

Tida como um momento de mobilização, a Semana é trabalhada de acordo com o projeto político-pedagógico da escola. O tema do último ano foi Culinária, Saúde e Prazer, que suscitou o debate sobre a prática da culinária, a aproximação da família através do ato de cozinhar e modos de aliar alimentação e prazer. Oficinas culinárias, discussões sobre a transformação de vegetais em alimento e dicas que podem ser trabalhadas em sala

Deu certo

- Duração da aula: 1h30m. Período de tempo ideal para ensinar o passo-a-passo da preparação dos alimentos.
- No final da aula, os alunos podem degustar os alimentos preparados e confirmar que os reaproveitados são saborosos e nutritivos.
- Há depoimentos de mães que já mudaram o hábito alimentar em casa e foram elogiadas pela família.
- A mudança de atitude em relação ao reaproveitamento de alimentos, evitando o desperdício.

Poderia ser modificado

- A intenção é expandir o projeto a outros pais da comunidade e não somente àqueles que têm filhos na escola.
- Ampliar a quantidade de receitas nutritivas e fáceis de fazer.
- Possibilitar a troca de receitas e de experiências culinárias bem-sucedidas entre as mães dos grupos, com reaproveitamento de alimentos.

de aula para incentivar o gosto por frutas, legumes e verduras foram algumas das atividades realizadas.

Uma das ações propostas durante o evento foi incentivar os professores a elaborar com suas turmas o registro do consumo desses alimentos durante a semana e em seguida construir um gráfico com as informações registradas. Segundo os nutricionistas do IAD é ainda importante falar dos benefícios das vitaminas e sais minerais para a pele e das fibras para o funcionamento intestinal. Outra sugestão dos técnicos do Instituto é promover um concurso de *gourmets* entre os alunos. O evento pode abranger categorias como sucos, sobremesas e saladas. Cada iguaria, acompanhada de suas receitas, poderá ser apresentada a um júri, que irá degustá-la.

A época de ouro do turfe carioca

Nos anos 1890 o Rio de Janeiro chegou a ter cinco hipódromos funcionando ao mesmo tempo



Em 1892, o Derby Club, localizado onde hoje fica o Maracanã, estava em seu auge, reunindo importantes membros das elites industriais e do comércio em ascensão

Na segunda metade do século XIX, os ídolos do esporte brasileiro não eram famosos jogadores de futebol. Na verdade, nem sequer eram humanos. Durante quase meio século, o turfe foi o principal esporte do país, atraindo multidões. Na década de 1890, o Rio chegou a ter cinco hipódromos, feito do qual nem o futebol de hoje pode se gabar. Na época, estima-se que cerca de um terço da população da cidade apostasse em corridas de cavalos.

O turfe foi o primeiro esporte moderno do Brasil. As primeiras corridas surgiram em 1810, organizadas na Praia de Botafogo por ingleses chegados ao país, dois anos antes, com a família real. Com D. João VI, a cidade experimentou um primeiro fluxo de modernização em termos arquitetônicos, urbanísticos e de costumes. Difundidos na Inglaterra, os clubes passaram a ter importante papel na ordenação política da cidade e do país.

O primeiro clube exclusivamente esportivo foi fundado no Rio, em 1849, com o nome de Club de Corridas e era destinado à prática do turfe. Mais tarde, seu nome foi mudado para Jockey Club Fluminense, cujo hipódromo se localizava no atual bairro de São Francisco Xavier, e se tornou um dos maiores da cidade.

Equivalente ao Jockey Club em tamanho e popularidade, também foi o hipódromo do

Derby Club, situado na área hoje ocupada pelo Estádio do Maracanã. Seus dirigentes eram membros da elite carioca. “Havia uma disputa simbólica entre os dois. O Jockey Club representava as antigas elites cafeeiras, enquanto o Derby era o preferido das novas elites industriais e do comércio em ascensão”, explica Victor Andrade de Melo, professor da Escola de Educação Física e do mestrado de História Comparada da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Havia ainda hipódromos menores em Vila Isabel, ocupando a área do antigo Jardim Zoológico: o do Turfe Club e o Hipódromo Nacional. Ambos eram freqüentados pela classe média alta. Por último, havia o Prado Guarani, em São Cristóvão, o único cujos organizadores provinham das classes médias baixas. Foi um hipódromo cercado de polêmica, pois era cenário freqüente de brigas e quebra-quebras.

Elites e camadas populares – Victor afirma que o turfe era o esporte das elites, pois apenas elas tinham condições de se associar aos clubes e comprar cavalos. Mas também era um dos principais espaços de encontro entre segmentos da sociedade, mesmo que separados, pois havia assentos específicos para cada ▶

TEXTO

FABIO ARANHA

FOTOS

ARQUIVO DE VICTOR
ANDRADE DE MELO

SAIBA MAIS

Livro

MELLO, Victor Andrade de.
Cidade sportiva: primórdios do esporte no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, Relume Dumará, 2001.



O atual Hipódromo do Jockey Club Brasileiro na década de 30, fruto da fusão do Jockey Club Fluminense com o Derby Club

um deles nos hipódromos. As arquibancadas eram divididas em quatro partes. A melhor ficava com a imprensa, única forma de divulgação do esporte. Duas partes próximas uma da outra eram reservadas à família real e aos sócios dos clubes, membros das elites. Outra parte maior era destinada às camadas populares.

“A participação dessas camadas era muito intensa, principalmente, pela possibilidade de aposta nos cavalos. Tinham uma única forma de participação ativa: quando percebiam algum tipo de falcatrua no espetáculo e se indignavam, reagiam quebrando o hipódromo. Era o chamado “tribofe””, explica o professor da UFRJ, cuja tese de doutorado aborda o cenário esportivo do Rio na virada do século XIX para o XX.

O turfe era considerado um divertimento familiar, saudável e aristocrático. Por isso, representou para as mulheres uma possibilidade maior de participação social, ainda que muitas vezes relacionada ao interesse masculino. Elas acompanhavam os maridos e desfilavam seus vestidos da última moda. As corridas de cavalos eram utilizadas como ponto de referência para promover casamentos, que na época eram combinados entre as famílias, com base em critérios de alianças econômicas e políticas.

O turfe não ajudou muito a vencer o preconceito social e racial existente. Mas foi a partir da sua prática que surgiram possibilidades de ascensão social de pobres e negros. O emprego de jôquei, menosprezado pela elite da época por não ser uma atividade intelectual, atraiu esses contingentes, os “negrinhos magrinhos”, como eram retratados pelos jornais. E representou para eles uma possibilidade de melhor qualidade de vida enquanto jôqueis e, claro, vencedores.

Desenvolvimento urbano – O Rio era nessa época uma cidade rural, com um núcleo urbano incipiente. Os hipódromos promoviam o desen-

volvimento local e atraíam fluxos populacionais. Chegaram a ser criadas linhas de bonde e depois de trem para atender à população que freqüentava as corridas de turfe. “Com uma rede de transportes, criavam-se condições para que o lugar se tornasse um espaço de moradia e permitisse o desenvolvimento do comércio na região, já que o hipódromo funcionava muitas vezes por semana”, ressalta Victor.

O turfe começou a perder popularidade na virada do século XIX para o XX, quando surgiram mudanças na concepção de esporte. O movimento higienista¹ ganhou força no país e passou a privilegiar o esporte como promotor de saúde, o que nada tinha a ver com o turfe. Nesse momento, cresceram modalidades como o remo, o ciclismo, o atletismo e a natação.

Nos anos 1920, restaram apenas dois hipódromos: o Jockey Club Fluminense e o Derby Club, que sobreviveram com dificuldades financeiras. Para vencer a crise, resolveram se fundir. Surgiu então o Jockey Club Brasileiro. O estado cedeu um terreno e o clube construiu o Hipódromo da Gávea, que funciona até hoje na Rua Jardim Botânico. “Com a perda de popularidade, a saída para o turfe foi se tornar um esporte da fina-flor da elite, que passou a investir na sua preservação, na medida em que precisou de espaços para não se misturar à grande população”, destaca o professor da UFRJ. ■

¹Movimento que ganhou força na virada do século XIX para o XX, vigorando até as décadas de 1930 e 40. Seu enfoque era a preocupação com a saúde coletiva e individual da população. Defendia a saúde e educação públicas, o ensino de novos hábitos higiênicos, a prática de esportes, exercícios físicos e atividades ao ar-livre. Acreditava que um povo educado e com saúde era um dos principais recursos do país. A indicação de exercícios físicos e a adoção de hábitos higiênicos tinha um intuito de democratização da educação e de preocupação com a formação moral da população e da identidade nacional brasileira.

Uma vida marcada pela emoção

Aos 63 anos de idade, Seu Licínio varre as ruas da cidade e faz planos de casar de “papel passado”

O mundo é repleto de gente interessante. São vidas que não entraram para a história nem foram parar nas capas das revistas de celebridades. Tampouco tiveram seus 15 minutos de fama ou sua intimidade revelada nos *reality shows* da vida. Longe dos holofotes, é possível encontrar pessoas que ainda carregam a inocência de outros tempos, sabem o valor da solidariedade e têm a certeza de que a luta do dia-a-dia valeu a pena. Seu Licínio da Silva é uma dessas figuras. Com 63 anos, 40 deles dedicados ao trabalho como gari da Comlurb (Companhia Municipal de Limpeza Urbana), ele perdeu a conta de quantas ruas já varreu. Mesmo aposentado, não desistiu da labuta e se orgulha de ter comprado duas casas, criado oito filhos e ainda ter um dinheiro para ajudar a quem precisa.

Nascido em Santa Cruz de Monte Alegre (hoje Ibitinema), distrito do município de Santo Antônio de Pádua, RJ, Seu Licínio conserva a inocência e o gosto por contar “causos” típicos de quem veio do interior. *Causos* que segundo ele, são de uma época em que todo mundo se conhecia e se tratava por comadre e compadre. Até a adolescência, nunca havia visto um automóvel e só andava em carros de boi ou a cavalo. Para a sua família, o Rio era o fim do mundo.

Um dos fatos mais marcantes de sua trajetória faz lembrar o filme iraniano *Filhos do paraíso*, que conta as aventuras de um garoto de oito anos, Ali, que perde o único par de sapatos da sua irmãzinha Zahara. Como são de família pobre, os dois se revezam usando os sapatos dele para ir à escola. Na história do gari brasileiro, as dificuldades são ainda maiores. Ele lembra bem quando calçou o primeiro par. Até então sempre andava descalço. “Os meus primeiros sapatos, tive aos 12 anos e como não estava acostumado com aquilo os usei sem meias e fiquei dias com os pés feridos. Até cheguei a ter certa raiva deles”, diverte-se.

Desde muito pequeno, Seu Licínio ajudava o pai com a enxada na roça. De uma família de 12 irmãos, veio morar no Rio de Janeiro aos 16



anos, porque os pais estavam doentes e precisavam de tratamento. A mãe morreu dois anos depois. Para o gari, os momentos mais difíceis vieram com a ausência da mãe, quando se estabeleceu em sua casa a regra “quem não trabalha não come”. “Uma vez fiquei desempregado e cheguei em casa faminto para comer feijão com farinha. No dia seguinte, não tinha mais direito, minha irmã havia trancado as panelas no quarto”, recorda-se emocionado. Mas faz questão de dizer ►

TEXTO

CAROLINA BESSA

FOTOS

ALBERTO JACOB FILHO

Em foco



Licínio da Silva, 63 anos.

Gosta de filmes românticos e se emociona vendo novelas.

É fã de Roberto Carlos, Cauby Peixoto, Ângela Maria e Agnaldo Timóteo.

Adora pescar e jogar baralho com os amigos nos tempos livres.

que entende aquela atitude como uma forma de ensiná-lo a lutar para conseguir as coisas.

De fato, ele nunca fugiu da luta. Seu primeiro trabalho na cidade grande foi em um aviário. Aos 18 anos, foi servir o Exército e voltou para o antigo ofício. Foram quatro anos sem férias até conseguir a oportunidade que lhe garante o sustento ainda hoje. Soube por amigos da abertura de vagas para gari na Comlurb e depois de prestar prova de esforço físico conseguiu ter sua primeira carteira assinada. “Sempre trabalhei com enxada e por isso não foi difícil aprender o serviço. Hoje continuo fazendo isso e não tenho problemas de coluna. Sobrou até um pouco de músculo”, exibe orgulhoso o braço.

Seu Licínio não se arrepende de nunca ter assumido outra função. Como só cursou até o segundo ano do antigo primário, ele diz que não era mesmo para ter exercido outras ocupações. “A gente tem que ser o que é. Quando cumpre o dever, não tem chefe ruim. Sempre cheguei no horário e fiz o que podia. Se fosse para varrer todos os dias 10 ruas e eu não conseguisse, varria seis, sete e explicava para o chefe”.

Depois de perder a conta de quantas ruas já varreu, ele hoje trabalha no Ecoponto de Ramos (onde recicla materiais, em dias alternados) e diz que pode desfrutar um pouco do que conquistou. Embora seja dono de uma casa de três quartos, duas cozinhas e duas salas, em uma comunidade da Penha, ele gosta mesmo é do casebre que comprou em Ibitinema, onde costuma ir a cada três meses, aproveitando o tempo livre para pescar e jogar baralho com os amigos. Seu orgulho é o quintal repleto de árvores frutíferas.

Considerando que conquistou muitas coisas, para ele a mais importante de todas foi ter conhecido sua segunda mulher, com quem mora há mais de 40 anos e com quem teve cinco filhos. “Ela é a minha maior riqueza, é quem se preocupa comigo e me ajudou na luta”, resume. Antes dela, teve um casamento de três anos e mais três filhos. Mas foi com Maria do Carmo que dividiu seus maiores medos e anseios e com quem hoje ainda compartilha sonhos: “Ainda penso em me casar no papel e fazer uma festa na minha cidade. Neste dia, vou matar um boi e chamar toda a família”. Ao contar sua história, Seu Licínio alterna momentos de humor e emoção.

Papai Noel do interior – Outro traço marcante da sua personalidade é ser solidário. Desde que começou a trabalhar como gari junta dinheiro para dar presentes às crianças pobres no Natal. E não mede esforços para fazê-las felizes. Há 11 anos religiosamente compra brinquedos e os distribui na sua cidade vestido de Papai Noel. A roupa foi confeccionada cuidadosamente pela irmã e a barba branca original é cultivada à base de xampu e condicionador. A decisão de dar alegria aos pequeninos também tem a ver com a história dos sapatos, ou da falta deles. “Quando eu era menino, ficava olhando para o céu para ver se Papai Noel vinha me trazer presentes. Sempre achei que ele não aparecia porque eu não tinha sapatos para pendurar na janela”.

Dessa sua outra atuação, o gari também guarda alguns momentos. Ele conta que certa vez faltava uma última boneca para ser sorteada entre os brinquedos que havia comprado para a garotada. Ao cantar o número, viu uma menina se aproximar. Mas antes de ela chegar ao seu encontro, uma mulher se ajoelhou e implorou para que desse o brinquedo à filha. Confuso com a situação, acabou cedendo ao pedido da mãe e encheu a mão da criança sorteada com um punhado de apitos. A menina recebeu os presentinhos e ao fim da festa perguntou: “Por que o senhor não me deu aquela boneca?”.

Atordoado, sem saber o que fazer, pediu R\$ 10 ao irmão e os deu à garota. Essa história ficou *martelando* dias na cabeça dele e oito anos depois, teve a oportunidade de fazer as pazes com sua consciência. Certo dia, em um dos passeios pelas ruas de Ibitinema, uma mulher o convidou a entrar na sua casa e tomar café, agradecendo o dinheiro que dera à filha. A quantia serviu para comprar o material escolar daquele ano. Na mesma hora, Licínio lembrou da menina e pediu para vê-la. No Natal seguinte ela recebeu do Papai Noel a boneca a que um dia tivera direito. “Só assim fiquei com o coração aliviado”. Seu Licínio não abre mão da sua fantasia do Bom Velhinho e promete continuar ajudando enquanto estiver vivo. Sua passagem pela cidade natal em dezembro já virou tradição. Todos os anos, ele aluga um ônibus para levar toda a família: mulher, irmãos, filhos e 13 netos para vê-lo encarnar o que considera o seu mais importante personagem. ■

O destaque do mês vai para a obra de Flávio Braga e Carlos Patati, cujo tema é a trajetória da história em quadrinhos no Brasil – comemoram-se os 100 anos dessa forma de expressão. Destaque ainda para o recém-lançado *O mágico de verdade*, do escritor, ensaísta e professor universitário Gustavo Bernardo. E, já que estamos falando sobre narrativas, vale a pena ler ou reler, dois clássicos do “era uma vez...”: as histórias de Rapunzel e de João e Maria.

Livros

Almanaque dos quadrinhos – 100 anos de uma mídia

Flávio Braga, Carlos Patati
Editora Ediouro, 2006

Do Superman ao Pato Donald, do Corto Maltese ao Pimentinha, da Turma da Mônica ao Mangá, Carlos Patati e Flávio Braga percorrem a trajetória da história em quadrinhos no Brasil – humor, aventura, cotidiano, sexo, crítica social, romance, política, temas variados para gostos diversos. Uma obra de referência sobre HQs.



DIVULGAÇÃO

Rapunzel

Eunice Braidó
Editora FTD, 2006

Era uma vez uma bruxa muito má que prendeu Rapunzel desde pequena em uma torre sem porta e com apenas uma janela. Cresceu lá sem amigos, sem ninguém. Só a bruxa é que ia visitá-la para dar-lhe de vestir e de comer. Até que um dia...

O mágico de verdade

Gustavo Bernardo
Editora Rocco, 2006

Pergunte a uma criança o que é um mágico e ela provavelmente dirá que é alguém que sabe fazer coisas inexplicáveis; pergunte a um adolescente e ele dirá que é alguém que sabe fazer truques. Em *O mágico de verdade*, o autor

“brinca” com o fascinante conceito de ilusionismo para questionar a realidade que vivemos hoje, levando reflexões aprofundadas ao público jovem através de uma narrativa ficcional.

Arca de Eon

Maria Amália Camargo
Editora Girafinha, 2006

Noé está há tempos construindo uma arca para alojar os animais durante uma grande enchente que está para acontecer. Mas como são muitas as espécies que ele precisa embarcar, pede ajuda ao tio-avô Eon, um velhinho todo atrapalhado. Para ele, não tem diferença nenhuma entre bichos existentes e bichos inventados – que só existem no ditado popular. Quando chega a hora de

mostrar a Noé quem ele selecionou para embarcar, a confusão se arma. Estão lá desde os conhecidos camarão-rosa e o cachorro vira-lata, até uma macaca-de-auditório e uma cobra-cega. Com passageiros tão díspares, o que seria a Arca de Noé acaba se chamando a Arca de Eon.

João e Maria

Histórias infantis contadas por
Tatiana Belink

Tatiana Belink, Jacob Grimm,
Wilhelm Grimm

Editora Martins Fontes, 1997
Tatiana Belinky, escritora já reconhecida por inúmeras obras infantis e por seu talento de contadora de histórias, proporciona aos pequenos leitores de hoje esta deliciosa versão inesquecível de *João e Maria*.

canal	horário	SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA	SÁBADO	DOMINGO
BandRio	14h-14h30	Crônicas da minha escola Série sobre Educação Acervo MULTIRIO Tons e Sons	Br@nché (Língua Francesa) Gerúndio e Cacófato Tempo e clima*	Nós da Escola Temas: Tecnologia, Ludicidade, Santos Dumont, entre outros.	Encontros com a Mídia Convidados: José Eduardo Romão, Bia Bedran, entre outros.**	Viajantes da História Série que faz um passeio pela História	9h-9h30 Cara de Criança Meu pequeno planeta Lucas e Lucinda Museu mutante	Documentário especial Brasil em movimento – Assalto ao poder, parte II (dia 4)
	14h30-15h	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	9h30-10h Contos de fadas poloneses Narrativas animadas	O mundo cabe numa cadeira de barbeiro (11) Acima do peso (18) Já não é sem tempo (25)
Net - canal 14	7h30-8h	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Documentário especial Já não é sem tempo (dia 4) A civilização do cacau (11) Brasil em movimento – A guerra civil (18) Brasil em movimento – Assalto ao poder, parte I (25)
	8h-8h30	Séries e documentários O mundo secreto dos jardins	Cara de Criança Meu pequeno planeta Lucas e Lucinda Museu mutante	Séries e documentários Arte e Matemática É tempo de diversão As religiões do mundo	Séries e documentários Mesa brasileira Viajantes da História	Cantos do Rio MPB	Cara de Criança Lucas e Lucinda Meu pequeno planeta Museu mutante Contos de Wilde Épicos animados	Atletas do Rio Gerúndio e Cacófato Memórias cariocas Aventuras cariocas
	8h30-9h	Aqui no meu país É tempo de diversão As religiões do mundo				Encontros com a Mídia Convidados: José Eduardo Romão, Bia Bedran, entre outros.		
	9h-9h30		Como a arte moldou o mundo Poder da imagem nas sociedades humanas	Abrindo o Verbo Temas: Jornalismo, Rede social da música, entre outros.	Nós da Escola Temas: Tecnologia, Ludicidade, Santos Dumont, entre outros.	Crônicas da minha escola Série sobre Educação	Como a arte moldou o mundo Poder da imagem nas sociedades humanas	Abrindo o Verbo Temas: Jornalismo, Rede social da música, entre outros.
	9h30-10h	Documentário especial A civilização do cacau (dia 5)		Aqui no meu país Série sobre curiosidades culturais	Arte e Matemática Série que relaciona as duas áreas	Viajantes da História Série que faz um passeio pela História		Nós da Escola Temas: Tecnologia, Ludicidade, Santos Dumont, entre outros.
	10h-10h30	Brasil em movimento – Assalto ao poder, parte I (12 e 19)	Noah e Saskia Série australiana	Atletas do Rio Gerúndio e Cacófato Memórias cariocas Aventuras cariocas	Cantos do Rio MPB	O mundo secreto dos jardins Série sobre os habitantes desse ambiente	Noah e Saskia Série australiana	Cantos do Rio MPB
	10h30-11h	Acervo MULTIRIO O melhor da programação	Acervo MULTIRIO O melhor da programação	Acervo MULTIRIO O melhor da programação	Acervo MULTIRIO O melhor da programação	Acervo MULTIRIO O melhor da programação	Acervo MULTIRIO O melhor da programação	Encontros com a Mídia Convidados: José Eduardo Romão, Bia Bedran, entre outros.
	11h-11h30	Videoteca Tempo e clima	Videoteca Tempo e clima	Videoteca Tempo e clima	Videoteca Tempo e clima	Videoteca Tempo e clima	Videoteca Tempo e clima	O mundo secreto dos jardins Série sobre os habitantes desse ambiente
Net Educação	12h-12h30	Reflets - Curso de Francês Gerúndio e Cacófato	Reflets - Curso de Francês As formas do invisível	Reflets - Curso de Francês Gerúndio e Cacófato	Reflets - Curso de Francês As formas do invisível	Br@nché (Língua Francesa) Gerúndio e Cacófato	Assista a nossa programação também na TV Alerj (canal 12 da Net), de segunda a sexta-feira, das 8h às 10h e das 21h às 22h, e aos sábados e domingos, das 20h às 22h.	
	12h30-13h	Arte e Matemática Série que relaciona as duas áreas	Mesa brasileira Série sobre cultura e hábitos alimentares	Viajantes da História Série que faz um passeio pela História	Documentário especial Já não é sem tempo (dia 1°) A civilização do cacau (8) Brasil em movimento – A guerra civil (15) Brasil em movimento – Assalto ao poder, parte I civil (22)	Aqui no meu país Série sobre curiosidades culturais		
	13h-13h30	Encontros com a Mídia Convidados: José Eduardo Romão, Bia Bedran, entre outros.	O mundo secreto dos jardins Série sobre os habitantes desse ambiente	Crônicas da minha escola Série sobre Educação		Nós da Escola Temas: Tecnologia, Ludicidade, Santos Dumont, entre outros.		
	13h30-14h	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados	Rio, a Cidade! Programa de entrevistas com temas variados		

Programação sujeita a alterações. Para mais informações, consulte www.multirio.rj.gov.br. * Exceto no dia 6, quando será exibido episódio de Noah e Saskia. ** Exceto no dia 1°, quando será exibido episódio de Noah e Saskia.



NÓS DA ESCOLA

Um programa que não pode faltar na sua escola.

Veja abaixo o que foi exibido em 2006. Caso a sua escola não disponha de algum desses programas, encaminhe pedido à MULTIRIO e receba a cópia. Ligue (21) 2528-8282 ou envie e-mail para ouvidoria@pcrj.rj.gov.br.

PGM 121 - ALIMENTAÇÃO SAUDÁVEL

Regras de uma boa alimentação, Programa de Educação Alimentar e Oficina de Nutrição para alunos.

PGM 125 - CONHECENDO O CENTRO DA CIDADE

Dicas de passeio no Centro da cidade.

PGM 129 - ENCONTRO COM A LEITURA

O programa tem como objetivo incentivar a leitura.

PGM 132 - POR DENTRO DA CÉLULA

Uma verdadeira aula audiovisual sobre célula e como é feita a extração de DNA de um morango.

PGM 135 - A MISSÃO ARTÍSTICA FRANCESA

Artistas que pintaram e transformaram a cidade no início do século XIX.

PGM 142 - REVELANDO A FOTOGRAFIA

O processo fotográfico, a técnica de fotografar usando uma lata, o acervo de fotografias de D. Pedro II.

PGM 144 - QUALIDADE DE VIDA

Dicas de qualidade de vida com as nutricionistas do Instituto de Nutrição Annes Dias.

PGM 152 e 207 - MAPA DA MINA

Professores mostram o lado cultural do Rio de Janeiro, em passeio por ruas, museus e jardins da cidade.

PGM 154 - NA ESTANTE

Bons livros que estão nas Salas de Leitura das escolas da Prefeitura do Rio.

PGM 155 - LINGUAGENS ARTÍSTICAS

Experiências no ensino de Linguagens Artísticas nas escolas da Prefeitura do Rio.

PGM 160 - COMO NASCEM OS LIVROS

A produção de um livro, em suas diferentes etapas, até chegar à livraria.

PGM 169 - O FUNK E O RAP NO RITMO DA ESCOLA

Como professores podem se apropriar de forma positiva desse universo musical dos alunos.

PGM 172 - DA PEDRA BRANCA AO PAU DA FOME

Um passeio pela maior floresta urbana do mundo, o Parque Estadual da Pedra Branca.

PGM 176 - INFORMÁTICA EDUCATIVA

Projeto de informatização como parte integrante do processo educativo.

PGM 179 - TEMAS EM DEBATE - PRINCÍPIOS E NÚCLEOS

Debate com professores da Rede sobre o Núcleo Curricular Básico Multieducação.

PGM 180 - A FAMÍLIA REAL

A vida e os pensamentos de brasilidade da nossa Família Real. Histórias de D. João VI, D. Pedro I e D. Pedro II.

PGM 183 - TEMAS EM DEBATE - EDUCAÇÃO INFANTIL

Como pensar a Educação Infantil com o olhar da Multieducação. Resgate da concepção de criança.

PGM 184 - LITERATURA INFANTIL E JUVENIL

O que foi debatido no evento Imagem, Meio e Reflexo. Depoimentos de escritores consagrados, como Affonso Romano de Sant'Anna e Roger Mello.

PGM 185 - GESTÃO PARTICIPATIVA

A gestão participativa da Educação no município do Rio de Janeiro.

PGM 187 - TEMAS EM DEBATE - LEITURA E ESCRITA

Debate sobre o lançamento dos fascículos da Multieducação.

PGM 188 - TEMAS EM DEBATE - PRIMEIRO CICLO DE FORMAÇÃO

Grupo de educadores debate o trabalho do primeiro ciclo de formação do Ensino Fundamental.

PGM 189 - TEMAS EM DEBATE - SALA DE LEITURA

O papel e a importância da sala de leitura dentro da rotina escolar.

PGM 190 - O ESPORTE NA MÍDIA. A ESCOLA ENTRA EM CAMPO

O que as crianças e as escolas andam produzindo em matéria de mídia, tendo o esporte como tema.

PGM 194 - TEMAS EM DEBATE - MÍDIA E EDUCAÇÃO

Importância da mídia e educação na Rede Pública Municipal. Uso da mídia como ferramenta e linguagem.

PGM 195 - REVISTA - SUCESSO ESCOLAR

Exemplos de êxito de alunos da Rede e como funciona o projeto Escola de Bamba, que une samba e conhecimento.

PGM 196 - NOVAS TECNOLOGIAS E LUDICIDADE

Como os professores estão se apropriando das linguagens das novas tecnologias para uso em sala de aula.

PGM 197 - ALIMENTAÇÃO ESCOLAR

Dicas de alimentação saudável e técnicas de plantio como hidroponia.

PGM 198 - MACHADO DE ASSIS - O BRUXO DO COSME VELHO

Documentário sobre um dos maiores escritores do Brasil.

PGM 199 - REVISTA: A SAÚDE DA VOZ

Destaque à voz do professor e dos alunos e dicas sobre os cuidados que se devem ter.

PGM 200 - ESPECIAL MEIO AMBIENTE

Como a educação ambiental está presente em todas as disciplinas nas escolas da Prefeitura do Rio.

PGM 201 - MATEMÁTICA E LINGUAGEM

O trabalho realizado por professores com essas disciplinas de acordo com a Multieducação.

PGM 202 - ENCONTROS COM A LEITURA 3

Dicas de livros das Salas de Leitura, dando destaque para a importância da leitura.

PGM 203 - LUDICIDADE E CORPO

Bons exemplos de como as escolas estão trabalhando a questão do autoconhecimento corporal e como isso ajuda no processo de ensino.

PGM 204 - PROFESSOR-FAZ-TUDO

Professores que se desdobram para ensinar e desempenhar outra atividade.

PGM 205 - REVISTA: TUDO AO MESMO TEMPO NO RIO

Abertura da Semana do Meio Ambiente e o que as escolas estão desenvolvendo para preservação da biodiversidade da nossa cidade.

PGM 206 - A CIDADE É A ESCOLA

Exemplos de como a escola pode ter o tamanho do mundo.

PGM 208 e 212 - SANTOS DUMONT

100 anos do primeiro voo mecânico e a briga entre brasileiros e americanos por sua primazia.

PGM 209 - REVISTA: HISTÓRIA DA LUDICIDADE

Um pouco da história da ludicidade e por que a brincadeira e o jogo são tão importantes para a constituição do conhecimento.

PGM 210 - REVISTA: ESCOLA PROMOTORA DE SAÚDE

Escolas que ajudam a promover a saúde e prevenir problemas.

PGM 211 - REVISTA: NÚCLEO DE ADOLESCENTES

A importância dos adolescentes na constituição do conhecimento nas escolas da Prefeitura do Rio de Janeiro.

PGM 212 - REVISTA: SANTOS DUMONT x IRMÃOS WRIGHT

As origens da briga histórica entre brasileiros e norte-americanos sobre a primazia do voo mecânico.

PGM 213 - LITERATURA ORAL

Documentário dedicado à promoção da leitura, com participação da escritora Marina Colasanti.

PGM 214 a 218 - SÉRIE ESPECIAL SOBRE CICLOS DE FORMAÇÃO

Série especial de cinco programas feita para a capacitação continuada dos professores da Rede.

PGM 219 - ESPECIAL DIA DO PROFESSOR

Histórias de infância de professores de escolas da Prefeitura do Rio.

PGM 220 - O GRANDE SERTÃO DE GUIMARÃES ROSA

A obra do escritor João Guimarães Rosa ultrapassa o seu tempo.

PGM 221 - REVISTA: QUE HISTÓRIA É ESSA?

Vamos brincar com a palavra "história", mostrando exemplos de experiências de escolas que exploram alguns dos seus significados.

PGM 222 - MÚSICA NAS ESCOLAS

Como anda o ensino de Música nas escolas da Prefeitura do Rio.

PGM 223 - EDUCAÇÃO ESPECIAL

Experiências de adaptações curriculares para promover a inclusão.

PGM 224 - LITERATURA E FORMAÇÃO DE LEITORES

A importância da leitura e como os professores devem atuar na formação de novos leitores.

PGM 225 - MÁRIO QUINTANA, PASSARINHO

A vida e obra do poeta Mário Quintana.

PGM 226 - TEATRO NA ESCOLA

A força das linguagens artísticas em trabalho de teatro nas escolas da Prefeitura do Rio.

PGM 227 - CRIANÇA NA MÍDIA

Programa especial que marca o Dia Internacional da Criança na Mídia, data criada pelo Unicef.

PGM 228 - MELHORES MOMENTOS DE 2006

O último programa do ano reúne os melhores temas apresentados ao longo de 2006.



NÓS DA ESCOLA

No próximo número:

Narrativas da literatura infanto-juvenil